

Tribuna Operária

ANO VI — Nº 191 — DE 29 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO DE 1984

Cr\$ 500,00

Fracassa o jogo sujo malufista

Tancredo sai na frente no Colégio



Participação destacada das mulheres na revolução sandinista

As mulheres da Nicarágua estão despertas na luta

É o que mostra a entrevista exclusiva à TO da comandante sandinista Doris Tijerino, também presidente da entidade de mulheres, AMNLAE. Pág. 10

Até o fim do mês todos os delegados ao Colégio estarão escolhidos. Figueiredo e os generais entram em polvorosa. A corrupção come solta. Chegaram a intervir no Maranhão para tirar delegados malufistas. Mas o resultado geral é amplamente favorável a Tancredo. Agora a oposição trata de se prevenir contra novos golpes e trapalhadas. Pág. 31

Agressão dos Estados Unidos contra os povos

Reagan e Mondale fizeram um debate sobre política externa dos EUA, às vésperas das eleições ianques. Disputaram para ver quem melhor defende o imperialismo. Página 2

EDITORIAL

Vacina anti-Maluf

Na última quinta-feira houve de fato uma intervenção federal no Maranhão afim de impor delegados malufistas para o Colégio Eleitoral. Na semana passada cerca de 400 oficiais reuniram-se em Brasília sob a direção do Serviço Secreto do Exército. E está prevista outra reunião deste tipo com aproximadamente 600 sargentos da capital. O tema destes encontros é o "combate à subversão". Entenda-se "combate à oposição".

Neste mesmo período a mesa do Senado, exorbitando de suas funções, decretou que os delegados ao Colégio Eleitoral têm que ser eleitos por votação secreta nas Assembleias Legislativas. É a alta cúpula governista ensaia um modo de burlar a Constituição que obriga o voto nominal para a escolha do presidente da República no Colégio — pregam o voto por escrito. Querem o "voto enrustido", para tentar camuflar os malufistas e protegê-los do ódio popular. E para facilitar a corrupção.

Também nestes dias, foi incendiado o escritório pro-Tancredo no Rio Grande do Sul, depredado o escritório do PC do Brasil em Goiânia, invadida a sede do jornal "Voz da Unidade" em São Paulo e detidos alguns de seus partidários.

Tudo isto é parte do arsenal malufista, recrutado pelo regime, de acordo com o documento de trabalho apresentado pelos ministros militares ao general Figueiredo exigindo "passar do campo das palavras para as ações concretas". Dito em português mais claro: colocar em prática, a serviço de Maluf, a imensa máquina de opressão e corrupção montada pelo regime militar nestes 20 anos. (E ainda tem gente, imaginando que o regime é "cachorro morto", tratando de organizar, agora, a "oposição a Tancredo" — e protestando quando são chamados de malufistas!)

Tem inteira razão Tancredo Neves quando assinala que:

"Não é uma luta leal. É um jogo sujo, para o qual devemos estar preparados". Daqui até 15 de janeiro, e mesmo até a posse em março, os generais farão as mais sórdidas maquinações para defender os privilégios que o monopólio do poder lhes assegurou desde o golpe de 1964.

Para enfrentar estas ameaças, não basta limitar-se a ações preventivas no próprio terreno onde se dará a disputa direta, isto é, nas Câmaras de Deputados, no Congresso Nacional e entre os próprios delegados escolhidos para o Colégio Eleitoral. Aceitar o combate restrito a este terreno é cair na arapuca malufista. Este é o terreno onde as pressões de bastidores e a corrupção têm mais possibilidades.

A vacina eficaz contra as traçaças só pode ser encontrada nas praças públicas com a presença massiva dos trabalhadores, dos patriotas e democratas. É o voto nas ruas, publicamente, que não tem reconhecimento legal da ditadura mas que tem imenso valor político para respaldar o candidato das oposições e desmascarar o malufismo do governo Figueiredo.

As mobilizações de massas, em consonância com uma política ampla e flexível, que busca o entendimento com as mais vastas correntes e personalidades que se opõem ao continuísmo, serão os instrumentos para garantir a saída democrática para a sucessão. E abrir as portas para um novo regime de liberdade com a convocação da Assembleia Constituinte.

Durante tantos anos nossa gente enfrentou os espancamentos, as prisões, as torturas e o terrorismo. Não será agora, quando a vitória se encontra ao alcance da mão, que os brasileiros se deixarão vencer pelos ataques desesperados dos fascistas. Nesta emergência impõe-se a união, a mais extensa possível, com todas as forças contra Maluf, e a energética mobilização da opinião pública para acabar com a ditadura.

No Rio e Brasília Maluf é corrido pela população

PM protege o trombadão. Pág. 4

Tribuna Operária 3 anos



Cerca de três mil delegados discutirão a sucessão

Congresso da UNE discute apoio a Tancredo Neves

Renildo Calheiros, candidato à presidente da entidade fala à Tribuna Operária sobre o maior Congresso da UNE. Pág. 6

60 anos de militância "sem sair dos trilhos"

Veterano comunista José Duarte é homenageado. Pág. 9



Metalúrgicos preparam greve contra arrocho em São Paulo

Além dos metalúrgicos, têxteis e gráficos também falam em greve, numa ação do Pacto da Unidade na Luta. Pág. 7

Realizado o I Encontro Mineiro da Mulher Rural

Representantes de todas as regiões de Minas estiveram presentes. Pág. 8

Argumentos do PT voltam-se contra os seus autores

Diretório Nacional decide manter posição malufenta até janeiro. Pág. 4

Diferença de método entre Reagan e Mondale



Soldados ianques fazem prisioneiros em Granada, após a invasão de 1983

No último dia 21 o presidente Ronald Reagan, Republicano, candidato à reeleição, e o ex-vice-presidente Walter Mondale, candidato Democrata à Presidência dos Estados Unidos, encheram-se novamente de maquiagem e voltaram à televisão, para um novo debate de campanha, desta vez sobre a política externa norte-americana.

Reagan, que vivia ainda as repercussões da divulgação de um manual elaborado pela CIA que ensina os mercenários contratados pelos EUA a matar dirigentes sandinistas na Nicarágua, afirmou com enfado-não arrogância: "Nós (os EUA) podemos destruir ou salvar o mundo". Defendeu abertamente ditadores sanguinários, como Ferdinand Marcos ("Para nós, é melhor mantermos nossos amigos nas Filipinas"), atacou o governo revolucionário da Nicarágua e o povo palestino ("Removemos mais de 13 mil terroristas do Líbano", disse, referindo-se aos palestinos). No mais, fez profissão de fé anticomunista e buscou aquilatar sentimentos chinovistas no povo norte-americano.

CRÍTICA AOS FRACASSOS

Mondale não ficou atrás. Criticou as ações militares fracassadas de Reagan no Oriente Médio e na Nicarágua — não por serem crimes contra os povos dessas regiões, mas por serem fracassadas. Tanto é que Mondale silenciou sobre a brutal invasão dos ianques em Granada, que completou um ano apenas quatro dias após o debate. Mondale foi explícito em sua censura a Reagan: "Quando tomamos parte de uma ação, deve ser para fortalecer nosso país", isto é, para vencer... O candidato do Partido Democrata ainda se referiu a um dos heróis dos povos da América Latina, Ernesto Che Guevara, como "uma pessoa desprezível na história da humanidade"! Buscou apresentar-se junto ao eleitorado como um anticomunista ainda mais raioso do que Reagan. Mas a coincidência de pontos de vista nas questões de fundo da política externa entre os candidatos foi tamanha que o próprio Reagan afirmou que, para a América Central, "o plano de Mondale é o que nós já estamos seguindo há muito tempo...".

Cabe ressaltar que sua fala a crítica feita pelo ex-vice-presidente Mondale ao seu adversário Reagan sobre a política dos EUA na Nicarágua. Afinal, as ações da CIA contra os sandinistas já ocorreram quando Jimmy Carter, o Democrata de quem Mondale foi vice, estava na Casa Branca. E, certamente, se Mondale for eleito, as ações contra a Nicarágua continuarão. Como continuaram com a provável reeleição de Ronald Reagan.

MONOPÓLIOS MANDAM

O esquema de poder montado pela burguesia americana não deixa reais alternativas aos trabalhadores nesta eleição. Para protestar contra as ações belicistas de Reagan, teriam que votar em algum candidato sem a menor chance de se eleger, ou então votar em Mondale. Mas mesmo se este opositor fosse vitorioso (o que parece pouco provável) as mudanças seriam unicamente nos métodos de ação. A orientação geral, a serviço dos grandes monopólios, seria a mesma. (Carlos Pompe)



Alunos albaneses durante uma atividade produtiva numa oficina de trabalhos em madeira

Cultura acessível a todos os setores da população

Hoje em dia, em cada três albaneses, um está necessariamente estudando. Isto significa atividade educacional 12 vezes superior à de 1938, quando apenas 5,6% da população freqüentava a escola. Na época, o analfabetismo — hoje extinto — atingia 85% dos habitantes, chegando a até 95% nas regiões rurais e entre as mulheres. Atualmente, em apenas quatro dias, o Estado investe em educação o equivalente aos gastos no setor em todo o ano de 1938.

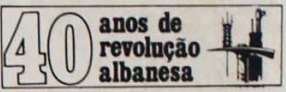
Como não há compatibilidade possível entre o socialismo e a ignorância, o poder popular, desde o início, jogou pesado na questão educacional. Procurou socializar ao máximo o conhecimento, sobretudo para incrementar a participação efetiva de todo o povo na vida política, social e econômica do país, condição indispensável para se atingir os objetivos básicos do socialismo.

As restrições à difusão do conhecimento são um dos fatores que conduzem ao surgimento de categorias privilegiadas — normalmente detentoras exclusivas do saber — que, apartando-se das massas, acabam se corrompendo e fomentando a degeneração do sistema. Isso ocorreu na União Soviética e nas ex-democracias populares do Leste Europeu, do que os albaneses tiraram grandes lições.

O sistema educacional na Albânia — extensa rede que atinge todo o país — começa no pré-escolar, bastante socializado, mas não obrigatório, que educa as crianças de três a seis anos. Atualmente, existem mais de 2.500 jardins de infância, contra apenas 23 em 1938. O ciclo de oito anos é obrigatório, único e geral, abrangendo crianças a partir dos seis anos de idade. Em 1938 o número de escolas primárias era de 643. Hoje são 1.559 estabelecimentos, com quase 550 mil alunos.

O ensino secundário — que os albaneses pretendem, a médio prazo, tornar também obrigatório — é diversificado e proporcionado-se nas escolas profissionais de várias categorias e nas escolas secundárias de educação em geral; apresenta um nítido caráter político. Em 1938 havia apenas 11 escolas médias em toda a Albânia, com pouco mais de 1.600 alunos e 80 professores. Atualmente, são 280 médias, com 164 mil alunos e 5.300 professores.

Fora da estrutura regular, existem as escolas de formação técnico-profissional, com duração de dois anos, instituídas na



indústria e na agricultura, com o objetivo de qualificar os trabalhadores e formar novos.

O ensino superior é representado pela Universidade de Tirana, criada em 1957. Hoje conta com oito faculdades, 84 departamentos e numerosas filiais espalhadas pelo país. São mais de 30 mil alunos. A Universidade forma, por ano, cerca de 3 mil especialistas em mais de 70 profissões. Em 1938 a Albânia ostentava a vexatória condição de único país europeu a não dispor sequer de uma instituição de ensino superior. Na época havia apenas 380 quadros superiores em todo o país. Hoje esse número saltou para 47.500 e o de quadros de nível médio para 131 mil.

O ingresso na Universidade não depende de vestibular. Nela ingressa o número de estudantes espalhado pelo planejamento econômico, entre aqueles que melhor se saíram na escola média, o que garante aos formados o emprego certo. Há também outros critérios. Um deles é o que procura garantir 1/3 das vagas para os filhos da classe operária, outro terço para os jovens camponeses e o restante para os filhos da intelectualidade. Há ainda a condição feminina, que funciona como critério. Isto é, deve haver uma presença equilibrada de homens e mulheres na Universidade, de modo que estas tenham garantida a oportunidade de se instruírem.

Toda a educação, na Albânia, que é inteiramente gratuita, acenta-se no tríplice estudo, trabalho produtivo e educação física militar. Os alunos, além de estudarem, vão freqüentemente para a produção e, de acordo com a idade, vão se familiarizando com a arte militar, teoricamente e através de exercícios práticos, até que, ao deixarem a Universidade, tornam-se oficiais da reserva do Exército Popular. Isso atende à necessidade de manter a escola estreitamente vinculada à vida, sem o menor vício acadêmico, e às necessidades de defesa da pátria. É que, na Albânia, a defesa da sociedade socialista envolve todo o povo, segundo a máxima de que cada soldado é um cidadão e cada cidadão é um soldado. (Luiz Manfredini)

Governos de agressores

A alternância entre Democratas e Republicanos na Presidência dos EUA nunca representou uma melhora para os povos explorados por esse país imperialista. Na América Latina, por exemplo, o que sempre valeu foi a doutrina elaborada pelo presidente James Monroe (1817-1825), que preconizava "as Américas para os americanos" (isto é, os ianques são os donos de todo o Continente). Isso tanto nas gestões dos Republicanos, como Theodor Roosevelt (ele dizia: "Fale macio e use um porrete" - big-stick -, e com isso enviou soldados para a República Dominicana, Cuba e Nicarágua), quanto nas administrações de Democratas, como Franklin D. Roosevelt que, com sua "política de boa vizinhança", entre 1932-1945 interveio com tropas na Nicarágua, El Salvador e Cuba.

Abaixo publicamos uma relação de intervenções ianques sob governos Republicanos e Democratas, ocorridas neste século.

- | | | |
|--|--|--|
| REPUBLICANOS | 1900 - Ocupação de Porto Rico: 2 mil soldados ianques invadem a China. | 1982 - Tropas no Líbano. |
| 1900-1902 - Ocupação de Cuba; guerra de guerrilhas nas Filipinas. | 1903 - Ianques detêm o Exército da Colômbia no Panamá; tropas em Honduras. | 1983 - Ocupação de Granada. |
| 1904 - Ocupação da República Dominicana. | 1906-1909 - Ocupação de Cuba. | DEMOCRATAS |
| 1907 - Intervenção na Nicarágua. | 1909 - Intervenção em Honduras. | 1913 - Intervenção no México. |
| 1910-1912 - Intervenção em Honduras, Nicarágua, República Dominicana, Cuba e Panamá. | 1914 - Intervenção na República Dominicana e no Haiti. | 1914 - Intervenção no México e na República Dominicana. |
| 1922-1924 - Intervenções na Nicarágua, Honduras e Panamá. | 1917 - Intervenção em Cuba. Guerra contra a Alemanha, Austrália e Rússia. | 1918 - Intervenções no México, Panamá, Honduras, Guatemala e Rússia. |
| 1926 - Intervenção na Nicarágua. | 1918 - Intervenções no México, Panamá, Honduras, Guatemala e Rússia. | 1933 - Bloqueio de Cuba. |
| 1927 - Tropas na China. | 1919 - Quando o Japão estava prestes a capitular, bombardeio atômico em Hiroshima e Nagasaki. | 1945 - Quando o Japão estava prestes a capitular, bombardeio atômico em Hiroshima e Nagasaki. |
| 1932 - Intervenção em El Salvador. | 1950 - Intervenção na Coreia: | 1961 - Intervenção no Vietnã - as tropas e os bombardeios no Vietnã continuaram até a expulsão dos ianques, em 1973. |
| 1953 - Tropas em Formosa. Intervenção na Nicarágua. | 1962 - Bloqueio de Cuba. Intervenção na Tailândia. | 1962 - Bloqueio de Cuba. Intervenção na Tailândia. |
| 1956 - Frota dos EUA no Oriente Médio, durante a crise no Canal de Suez. | 1964 - Soldados dos EUA atiram contra manifestação estudantil no Panamá. | 1965 - Intervenção na República Dominicana. |
| 1957 - Tropas dos EUA no Oriente Médio, durante a crise na Jordânia. | 1965 - Intervenção na República Dominicana. | 1980 - Aviões norte-americanos são abatidos quando desenvolviam ações militares no Irã. Aumenta a presença militar dos EUA (técnicos, assessores etc.) em El Salvador. |
| 1958 - Intervenção no Líbano. | 1966 - Intervenção na República Dominicana. | |
| 1960 - Tropas no Panamá e na Nicarágua. Patrulha naval no Caribe. | 1980 - Aviões norte-americanos são abatidos quando desenvolviam ações militares no Irã. Aumenta a presença militar dos EUA (técnicos, assessores etc.) em El Salvador. | |
| 1970 - Intervenção no Camboja. | | |
| 1975 - Ação militar contra o Camboja. | | |

A política externa norte-americana não é feita só com soldados. Democratas e Republicanos valem-se também dos agentes da CIA e de complôs e subversões nos vários países. Além, é claro, de organizarem golpes de Estado com camarilhas ligadas aos seus interesses. Foi o que ocorreu no Irã, em 1953 (o Republicano Eisenhower na Casa Branca); no Brasil, em 1964 (o Democrata Lyndon Johnson chefiando o imperialismo ianque); e no Chile, em 1973 (o Republicano Nixon no poder), para citar uns poucos exemplos. Cabe lembrar, ainda, que no Oriente Médio a Casa Branca usufruiu dos serviços bandidos dos sionistas de Israel para defender seus interesses imperialistas.



Os imperialistas dos EUA querem impor seus ditames a todos os povos

Governo filipino matou Aquino, diz relatório

Após 14 meses da morte do líder opositorista Filipino Benigno Aquino, a comissão que investiga o seu assassinato divulgou relatório incriminando altos oficiais ligados ao presidente Ferdinand Marcos. Pressionado, o governante afastou o principal envolvido, general Fabian Ver — chefe do Estado Maior das Forças Armadas e homem de maior confiança de Marcos. O presidente com isso sacrificou seu amigo pessoal para tentar se livrar do comprometimento.

A comissão de inquérito de cinco membros foi criada há 10 meses pelo próprio presidente da República diante das pressões populares e do repúdio internacional e recolheu depoimentos de 200 testemunhas nas Filipinas, Japão e EUA. O relatório final acusa o envolvimento de 26 pessoas (25 militares) na morte de Aquino, em 21 de agosto do ano passado. Esta conclusão rechaça a trama forjada pelo próprio Ferdinand Marcos que dizia que o líder opositorista foi morto por um suposto agente comunista chamado Galman.

O resultado deste relatório significou um duro golpe na ditadura filipina, que só se mantém no poder usando uma repressão cada vez mais violenta. Marcos tinha motivos para querer eliminar Aquino que estava aglutinando em torno de seu nome a oposição ao regime.

Comunistas da Espanha realizam Congresso

Realizou-se, nos dias 12, 13 e 14 de outubro, o IV Congresso do Partido Comunista da Espanha (marxista-leninista), com a presença de cerca de 150 delegados. Esteve presente o comandante militar do Exército Popular de Libertação da Colômbia, Ernesto Rojas. No Congresso ocorreram mais de 50 intervenções, sobre a situação internacional e o imperialismo; a situação na Espanha e o papel do Partido Socialista, no poder; a atuação do PCE (ML); e sobre o movimento comunista internacional.

Foi alterada a Linha Política do PCE (ML) preicando melhor o entrelaçamento "dos objetivos táticos e estratégicos do Partido na atual situação, que se concretizam na luta pela República Popular e Federativa", segundo o comunicado de imprensa do Congresso.

Governo turco condena opositores à morte

Foram condenados à morte 22 presos políticos na Turquia, e outros 236 foram condenados a diversos anos de prisão. O julgamento ocorreu recentemente, em Istambul. Sob o pretexto de combater o "terrorismo", o regime turco prescreve, prende, tortura e condena à morte os patriotas e democratas que ousam desafiar e denunciar a política vende-pátria e terrorista dos generais no poder.

A BATALHA DA SUCESSÃO

Comício Pró-Tancredo reúne 10 mil em Juazeiro do Norte

Cerca de 10 mil pessoas participaram na semana passada do Comício Pró-Tancredo em Juazeiro do Norte, no Ceará. Delegações de 26 municípios do Cariri se fizeram presentes, presidentes de vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais, representantes da Associação de Mulheres do Crato e da União dos Estudantes local também participaram da manifestação. O senador Mauro Beneditos e o deputado Iranildo Pereira usaram da palavra. E o deputado mineiro Luis Guedes, que reside em Juazeiro na clandestinidade por ser perseguido político pelo regime militar, saudou os caririenses em nome do candidato Tancredo Neves. (da sucursal)

Maluf tem Cr\$ 10 bilhões para comprar deputados em Sergipe

As manifestações pró-Tancredo Neves em Sergipe continuam a todo vapor. No último dia 20 houve um comício no bairro América, reunindo mais de 300 populares. No mesmo local, duas semanas antes, o PT reuniu apenas 20 pessoas no seu ato contra o candidato das oposições. Já Maluf, que foi varado na sua recente visita a Aracaju, voltou ao Estado, mas desta vez às escondidas. Sua visita tinha como missão comprar os seis deputados estaduais delegados ao Colégio. Comenta-se que os malufistas têm em mãos Cr\$ 10 bilhões para cumprir a difícil tarefa. (da sucursal)

Único vereador gaúcho do PT quer que partido mude posição

"É preciso que o PT formule uma proposta ao candidato da Aliança Democrática, pois após a regulamentação do Colégio é uma posição extremamente negativa dizer simplesmente não ao Colégio Eleitoral". A afirmação do único parlamentar eleito pelo PT no Rio Grande do Sul, o vereador de Porto Alegre Antonio Hoffeldt, que concedeu entrevista coletiva no último dia 22. Para o vereador pelista, "com Maluf na presidência as coisas tenderão a piorar". Ele defendeu uma consulta às bases para que o PT tenha outro posicionamento a respeito da sucessão. (da sucursal)

Povo de Simões Filho dá apoio a Tancredo e exige autonomia

Por iniciativa do vereador Adolfo Tavares, realizou-se no último dia 20 o lançamento do Comitê Pró-Tancredo na cidade operária de Simões Filho, na Bahia. O ato contou com mais de 300 pessoas. Na ocasião todos reivindicaram do futuro presidente Tancredo Neves o direito de Simões Filho o direito de eleger o seu prefeito. Desde 1973 que o município foi enquadrado como "área de segurança nacional" e é governado pelo político e corrupto João Filgueiras. (da sucursal)

Malufista é pessoa non grata em condomínio no Recife

O condomínio do Edifício Jacarandá, em Recife, ingressou com medida cautelar, requerida pelo advogado João Humberto Morelli, contra o morador João Lacerda para retirar as placas de propaganda eleitoral de Paulo Maluf instaladas na varanda e nos janelões de seu apartamento. O juiz José Maria Florentino acatou a medida e determinou ao oficial de justiça que removesse o material de propaganda e o levasse para o depósito público. Para cumprir a decisão o oficial necessitou de auxílio policial já que o morador recusou-se a atender o juiz. No seu despacho o juiz argumenta que as faixas, cartazes e fotografias de apoio a Maluf ferem a legislação, e mais: desrespeitam a vontade expressa e unânime de todos os demais moradores que consideram João Lacerda "pessoa non grata ao condomínio!". (da sucursal)

Sindicalistas e vereador do PT convocam encontro em Minas

O documento de convocação do Grande Encontro Democrático, Trabalhista e Popular Pró-Tancredo em Minas Gerais, a ser realizado em novembro, já conta com a assinatura dos mais representativos dirigentes sindicais. Entre eles: João Paulo Pires, dos Metalúrgicos de Monlevade; José Onofre, dos Metalúrgicos de Betim; André Montalvão, presidente da Fetaeng; Jorge Norman, do Sindicato dos Metalúrgicos; Célio de Castro, dos Médicos; Manoel Marcos, dos Jornalistas; Inês Teixeira, dos Professores. Dos 33 vereadores da Câmara Municipal de Belo Horizonte, 27 assinaram a convocação, entre eles o líder do PT René Trindade. (da sucursal)

Mulheres do PMDB preparam passeata em Salvador

Mais de 300 mulheres, reunidas na Assembleia Estadual do Departamento Feminino do PMDB da Bahia, na semana passada, decidiram realizar em novembro uma passeata em Salvador em apoio ao candidato da Aliança Democrática Loreta Valadares, da coordenação geral do PMDB-Mulher, destacou que o encontro representou um grande avanço, "não só no que diz respeito à nossa organização, como também a convocação, quanto à mobilização na campanha de Tancredo Neves".

700 populares participam da manifestação em Tacaimbó

Cerca de 700 pessoas, na maioria pequenos agricultores, participaram no último dia 21 do Encontro Popular de Apoio a Tancredo Neves em Tacaimbó, a 300 quilômetros do Recife. Discursaram várias lideranças locais, como o vereador e presidente do diretório municipal do PMDB, Antônio Guedes; o coordenador do setor jovem, João Berto; e o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais, Geraldo Santos Nascimento. O deputado Luciano Siqueira encerrou o encontro, prestando homenagem a Raimundo Nonato, ativista que foi vítima das agressões do prefeito do PDS, Joaquim Antônio. (da sucursal)

cada Estadual - F



Tancredo condenou o triunfalismo e lembrou que enfrenta um jogo sujo e duro

Candidato reage com energia às manobras do regime militar

A radicalização do confronto político em curso está levando o candidato das oposições, Tancredo Neves, a abandonar a moderação e a adotar posições mais firmes no combate ao regime militar. Ao mesmo tempo ele aprofunda e torna mais explícitos seus compromissos com um programa democrático de governo.

Essa evolução nas formulações do candidato ficou evidente nos discursos que fez durante a visita ao Rio Grande do Sul, na segunda-feira passada. Ali, mais uma vez Tancredo reafirmou a necessidade de convocar uma "Constituinte livre e soberana" e prometeu atender às reivindicações mais imediatas da população.

EXPEDIENTES SÓRDIDOS
Em resposta à manobra do senador malufista Moacyr Dalla, que reuniu parcela da Mesa do Senado e introduziu na legislação que regulamenta o Colégio dispositivo tornando o voto secreto a escolha dos delegados estaduais (veja matéria ao lado), Tancredo alertou: "mesmo pelas regras fixadas pelos nossos adversários, os malufistas já se sentem derrotados e caminham agora por expedientes os mais sórdidos da corrupção".

Condenando o triunfalismo e o "já ganhou" no seio da frente oposicionista, lembrou que é preciso estar sempre consciente de que "esta é uma luta dura e aspera. Não é mais uma luta leal. É um jogo sujo, para o qual devemos estar preparados. Ontem, eles corrompiam, hoje violentam a norma legal; e amanhã? Esta luta é para homens, para machos, para os que não tem o que temer e olham para o futuro desta pátria de cabeça erguida".

Na Câmara de Porto Alegre, onde recebeu um documento dos vereadores reivindicando eleições diretas para os prefeitos de capitais, reforma tributária e Constituinte, Tancredo discursou afirmando que "o governo fechou e calou a boca das urnas".

Referindo-se aos partidos contrariados à ilegalidade, declarou: "eu acho que as esquerdas tem o mesmo direito que todos os demais segmentos e devem ser respeitadas no exercício deste direito. O momento mais marcante da visita do candidato foi o encontro com 230 dirigentes sindicais (representantes de 110 entidades), na Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação".

Depois de receber um documento dos sindicalistas, contendo propostas para o programa mínimo de governo, ele prometeu implantar uma nova "política salarial capaz de melhorar o poder aquisitivo dos traba-

Campanha para barrar terror

Na madrugada de domingo 21, poucas horas antes da chegada do candidato das oposições ao Rio Grande do Sul, um atestado a bomba destruiu os vidros e móveis do escritório político do vereador Lauro Hagemann, do PMDB de Porto Alegre (na avenida Riachuelo), que também funciona como Comitê Pró-Tancredo.

Foi mais uma ação terrorista da extrema direita com o propósito de tumultuar o processo sucessório e atingir a candidatura Tancredo Neves. E que vem se somar a outros atos da mesma natureza, como a invasão à sede da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, em Goiás dia 18, os incêndios nos teatros Tera e Taib em São Paulo, entre outros.

São fatos que denunciam a existência de uma campanha organizada do terror, que tende a crescer em quantidade e intensidade até a reunião do Colégio Eleitoral, no dia 15 de janeiro.

As forças democráticas e populares cabe responder com firmeza a essas provocações da direita inconformada perante a possibilidade de derrota do regime no Colégio. Nesse sentido, merece toda a atenção, a proposta feita recentemente pelo secretário da Cultura de São Paulo, Jorge Cunha Lima, de organizar uma campanha de "alerta nacional contra o terror", mobilizando o povo para, em manifestações energéticas, exigir o fim dos atentados, bem como a identificação e punição dos terroristas. É a única receita para fazer frente a essas investidas. Não cabe mais contemplar e esperar. O regime protege os terroristas.

lhadores e de propiciar a retomada do desenvolvimento e, inclusive, de observar os 11 milhões de desempregados gerados pelo atual modelo econômico". (da sucursal)

Lideranças paulistas entregam programa

Representando a coordenação da Assembleia Popular e Democrática realizada em São Paulo no dia 21 de setembro, Jamil Murad, do Sindicato dos Médicos, Francisco Florentino, dos Aeroviários, Adílio Resende, da União de Vereadores, Ana Maria Martins da Consab, Messias José da Silva, da União de Favelas, e o deputado federal do PMDB Aurélio Peres entregaram ao candidato das oposições, Tancredo Neves, a proposta do programa de governo aprovada no encontro.

tantes do movimento operário e popular na direção de órgãos da administração federal, citando explicitamente o BNH, o PIS-PASEP, a Previdência Social e o FGTS.

A proposta de programa aprovada em 21 de setembro, entre outras coisas: 1 — O estabelecimento das eleições diretas em todos os níveis; 2 — A Convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, em um clima de amplas liberdades; 3 — O rompimento do acordo com o FMI, de maneira que o tratamento da dívida externa respeite a retomada do crescimento econômico; 4 — A ampla liberdade de organização partidária, o fim das autoritárias Lei de Segurança Nacional e Lei de Imprensa; 5 — O direito de greve, o fim das intervenções nos sindicatos e a autonomia sindical; 6 — O combate eficaz à grilagem e à expulsão da terra dos que nela trabalham.

O candidato oposicionista à Presidência da República destacou na ocasião a importância da participação popular no processo de mudança. Manifestou disposição de, se eleito, fazer um governo que ouça permanentemente o povo. Elogiou as propostas da Assembleia. E comprometeu-se ainda a abrir seu governo à participação de represen-

Tancredo Neves lidera a eleição dos delegados

Mesmo a ofensiva feroz do governo, contra a oposição, não conseguiu impedir uma ampla vantagem para Tancredo Neves nas primeiras eleições de delegados pelas Assembleias Legislativas. Apenas no Maranhão e no Rio Grande do Sul os malufistas tiveram maioria. Nos outros seis Estados que votaram no Colégio até quinta-feira última, Tancredo saiu vitorioso.



Moacyr Dalla: jogo sujo no Congresso

No Maranhão, no dia 25, aconteceu uma pequena amostra do que seria o Brasil com uma vitória de Maluf na corrida presidencial: imperaram a violência contra a oposição e o povo e a corrupção descarada para garantir a eleição de malufistas para o Colégio Eleitoral (veja quadro). Comenta-se, no Estado, que o deputado Davi Silva teria recebido a bagatela de Cr\$ 5 bilhões e mais a suspensão de dois processos por morte que circulam contra ele na Justiça Federal, para malufar. No Rio Grande do Sul, quatro dos delegados eleitos são malufistas declarados. Outros dois, o governador Jair Soares afirma que talvez não votem em Maluf... Em Rondônia foram eleitos dois malufistas, dois tancredistas e dois indecisos.

No Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Paraná e São Paulo, todos os delegados eleitos para o Colégio apoiam Tancredo Neves. São, portanto, até o momento, 38 tancredistas contra 12 malufistas e quatro indefinidos. Vários Estados ainda não escolheram seus delegados.

GOLPES SUJOS

"Vou mostrar à oposição com quantos votos se ganha uma eleição", disse no dia 24 o general Figueiredo. De fato, nos últimos dias vem ocorrendo uma série de casuísticas para tentar a vitória de Maluf no Colégio.

No dia 22, o presidente do Senado, Moacyr Dalla, mancomunado com outros quatro malufistas, impôs a votação secreta dos delegados ao Colégio pelas Assembleias Legislativas. Em seguida, o ministro Leito de Abreu aventou a possibilidade de a votação no próprio Colégio ser feita por escrito, e não oralmente. O portavoza de Figueiredo, Carlos Atila, arrematou que os parlamentares seriam chamados por seus nomes e depositariam seus votos na urna — isto é, votação secreta!

Essa eleição secreta facilitaria a corrupção e as pressões em favor de Maluf. O voto secreto é uma proteção para o eleitor nos pleitos normais. Mas os integrantes do Colégio estarão votando em delegação de seus Estados e eleitores, e é uma exigência da nação saber em quem votam. Conhecer quem fica com as aspirações democráticas, votando em Tancredo; ou quem cede às ofertas indecorosas e pressões do governo, malufando.

Maluf apela para as metralhadoras

A Assembleia Legislativa, em São Luis, amanheceu cercada por agentes da Polícia Federal, armados de metralhadoras e por outros 100 policiais à paisana, no dia 25. Dos 17 deputados estaduais que malufaram no Maranhão, apenas cinco tiveram o desplante de circular pela Assembleia. Os outros preferiram se refugiar na sala do presidente malufista da Assembleia, Celso Coutinho. O aparato policial — denunciado como "uma intervenção militar no Maranhão" pelo senador José Sarney — começou logo na terça-feira, e se estendeu até o momento da votação, na quinta.

Na hora da eleição dos delegados não existiam cédulas para os deputados da Frente Liberal! Surdo aos protestos vementes dos parlamentares da oposição e do povo, o presidente da Casa, Celso Coutinho, ainda fugistou: "Vocês deviam saber que chapa a gente traz de casa"...

Mesmo ameaçados pelos esbirros armados de metralhadoras que se espalharam por todos os lados, cerca de mil populares na rua protestaram contra o malufismo.

Os maranhenses que malufaram cercaram-se de rigorosas medidas de segurança desde que voltaram a seu Estado, no dia 19. Já em Brasília, eles se escondem na casa do agente policial e deputado Sebastião Curio, das hordas de Maluf. Ao desembarcarem em São Luis, sequer ousaram pisar o saguão do aeroporto: carros invadiram as pistas para os pegar na porta do avião. Nem tiveram coragem para cumprimentar seus familiares, e se confinaram na casa do deputado federal Nagib Halickel. Um espetáculo digno de Maluf e seus assessores.



Grande representatividade e muita vibração no encontro pró-Tancredo no Piauí

Exitosa assembleia popular em Teresina

Realizou-se no último dia 19, no Teatro de Arena, a Assembleia Popular e Democrática do Piauí, que contou com a participação de cerca de 300 entidades populares e sindicais e dos partidos de oposição. No encontro os representantes da sociedade civil discutiram e aprovaram um programa mínimo de reivindicações do movimento popular piauiense que será entregue ao candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, e ao governador do Estado, Hugo Napoleão, que aderiu à campanha oposicionista. O vereador Osmar Junior e o suplente de deputado estadual José Reis foram os grandes organizadores do evento, que também contou com o apoio decidido do deputado federal Wall Ferraz. A assembleia contou

com a presença do senador Alberto Silva (PMDB), do deputado e presidente da Assembleia Legislativa Waldemar Macedo, membro da Frente Liberal; do presidente do Diretório Regional do PT, Ubiratim; do presidente da OAB, Reginaldo Furtado; do presidente da associação dos Economistas, Almir Bittencourt; além de vários vereadores de Teresina e caravanas de Parnaíba, Batalha e outros municípios.

O senador Alberto Silva leu uma nota de apoio à assembleia popular de Tancredo Neves, bastante aplaudida. E o vereador Osmar Junior, coordenador do encontro, leu uma nota da Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil, o que causou grande vibração. (da sucursal)



Em Brasília, bombas contra o povo

"Pega ladrão!" — e Maluf foge do povo no Rio e Brasília

Maluf foi ao Rio de Janeiro caçar votos. Saiu esbafoado, pela porta dos fundos. Só conseguiu transitar na cidade escondido atrás do batalhão de choque da PM. Onde passava era vaiado pela população. Os maiores atritos ocorreram na sede do PDS. Em Brasília, igualmente, o povo pôs o trombadinha para correr, apesar de tiros e bombas de seus capangas.



No Rio, a fuga precipitada

Desde cedo a movimentação de populares na frente da sede do PDS era intensa. Nos comentários era unânime a condenação de Maluf. No início da tarde chegou um grupo de pessoas contratadas para segurar uma faixa saudando o "Maluf Esperança". Imediatamente o fato atraiu uma multidão que passou a vaiar e a questionar os pobres coitados que não sabiam mais o que fazer com a faixa.

Nesta hora chegou um grupo de secundaristas e universitários com cartazes da UNE pedindo "Cadeia para Maluf". Nova agitação. Todo mundo queria pegar nos cartazes. Nas ruas e nas sacadas dos prédios o povo gritava: "Um, dois, três, Maluf no xadrez!" Em desespero, alguns jaguinhos malufistas chegaram a ameaçar os manifestantes com revólveres. E do alto do prédio passaram a atirar sacos de água sobre o povo. Logo o feitiço virou contra o feitiço. Dos edifícios vizinhos passou a chover sacos de água, não mais sobre o povo mas visando os carros oficiais que traziam os políticos para a solenidade.

O momento de maior tensão foi a chegada do próprio Maluf. Embora protegido por um batalhão de choque da PM, o candidato trombadão não teve coragem de enfrentar o po-

vo. Entrou por uma garagem lateral. Os manifestantes passaram a pedir que a polícia entrasse no prédio para "pegar o ladrão". Os soldados do batalhão caíram na gargalhada. Os escudos passaram a servir para saudar os risos da PM, o que foi saudado por todos gritando: "Ufa, ufa, ufa, a PM não malufa". No final Maluf teve de fugir por uma porta de emergência.

EM BRASÍLIA TAMBÉM

No centro de Brasília, no setor comercial sul, quando Maluf ia inaugurar um comitê eleitoral montado por mulheres da alta burguesia, cerca de 500 pessoas tomaram a frente do prédio e passaram a protestar contra a sua presença e a gritar palavras de ordem de apoio a Tancredo Neves.

O odiado candidato do PDS fez o que já está habituado. Saiu sorrateiramente por uma porta lateral entrando escondido num carro cinza. A truculenta segurança malufista, imitando os incidentes da Freguesia do Ó, em São Paulo, atirou duas bombas de gás lacrimogêneo e disparou quatro tiros de calibre 45, privativo das Forças Armadas, para dispersar os manifestantes.

Alguns jovens que faziam clique para Maluf ainda tentaram agredir o povo, mas foram postos para correr. (das sucursais)

Democratas protestam contra atentado em Goiás

Deputados, vereadores, entidades sindicais, estudantes e populares condenaram, em Goiás, a invasão da sede da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil na capital do Estado, ocorrida dia 18. No dia 23, uma comissão de entidades e parlamentares entregou ao secretário de Segurança do Estado um documento com 27 assinaturas — 11 de deputados — exigindo a apuração do crime e punição de seus autores.

O presidente da Assembleia Legislativa, Juarez Magalhães, condenou a invasão. O deputado Ronaldo Jayme, que integrou a comissão que foi à Secretaria de Segurança, os deputados João Natal e Ivan Ornelas, e o deputado Línio de Paiva, em nome do Movimento dos Trabalhadores do PMDB, repudiaram o terrorismo fascista.

A Câmara Municipal de Goiânia também rechaçou a ação anticomunista. O presidente da Câmara e da União dos Vereadores Goianos, Daniel Borges, qualificou o ato como

"truculento, antidemocrático e que violenta todo o processo de abertura política em marcha no Brasil". O vereador Euler alertou que "a história já demonstrou que os comunistas são apenas o primeiro alvo do terror fascista. Sua ação e crescimento, porém, terminam por atingir todas as instituições democráticas". Os vereadores Eivaldo Alves, Carlos Debrely, José Nello, João Machado, Maria Dagnar e Vieira de Melo condenaram a invasão.

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás, Amparo Sesil, e a presidente do Sindicato dos Farmacêuticos, Marlina Cunha, igualmente repudiaram o crime. Solidarizaram-se ainda com a Comissão pela Legalidade do PC do B e dr. Lourenço, da Comissão Justiça e Paz; a União Estadual dos Estudantes; os DCEs da UCG e UFG, o Sindicato dos Professores, a Associação dos Possesores de Goiânia, entre outras entidades. (da sucursal)

Leia, divulgue e fortaleça a imprensa do proletariado

Dê uma assinatura da *Tribuna Operária* para você mesmo: talão na página 9.

É errôneo pensar que a frente "cresceu demais"

Na Bahia, o apoio dado pelo governador João Durval a Tancredo Neves favoreceu a causa oposicionista, como antes já havia sido positivo o apoio também recebido do senhor Antônio Carlos Magalhães. Quando estes senhores, tão estreitamente vinculados ao governo há pouco tempo, se desligam das hostes oficiais e passam a apoiar o candidato contra o governo, isso fortalece a luta democrática.

Se Tancredo não tivesse seguido o apoio de quase todos os governadores, as trincheiras governistas não teriam sido desorganizadas e, provavelmente, o contínuismo da ditadura estaria assegurado.

As forças progressistas do país não podem perder de vista o quadro geral no qual se desenvolve a luta política no Brasil. Não podem esquecer que, embora se aproxime a derrota do regime militar, é ilusório acreditar que as forças fascistas já estão inteiramente batidas.

AMPLIAR A FRENTE

É inaceitável a ideia de que a frente anti-regime militar já está ampla demais. Pelo contrário, a frente precisa crescer, se consolidar e encontrar uma prática adequada para inibir e impedir

as tramas fascistas. A política de mais ampla unidade dos oposicionistas não contradiz a orientação de mobilizar o povo em larga escala para que se desenvolva um grande movimento de opinião pública pelo fim do regime militar.

Para esta frente antiditadura têm vindo setores antes comprometidos com o governo. Se foi inteiramente correto combatê-los quando eram peças da máquina ditatorial, carece de sentido político oposicionista atacá-los agora quando somam suas forças na luta contra o regime.

FORÇAS POPULARES

A preocupação de descaracterizar as forças populares na frente tão ampla que se forma e legitima. Mas isto não se alcança dificultando o crescimento da unidade

OPINIÃO PARLAMENTAR
Haroldo Lima
Deputado Federal PMDB-Bahia

de oposicionista. É estreiteza política agir desta forma, assim como é condenável colocar obstáculos a esta nova articulação em função de problemas locais. Não se pode perder de vista a noção da floresta para se concentrar em algumas árvores. As questões locais não podem sobrepor-se aos interesses nacionais.

O que é necessário, o que o povo quer é acabar com o regime implantado em 1964. Não há outro meio para tanto neste momento, senão criar uma grande frente que garanta a irreversibilidade do processo democrático, que coloque

Tancredo Neves como presidente da República e assegure sua posse, que tenha como exigência uma Assembleia Nacional Constituinte.

UNIR O POVO

As forças populares não se descaracterizarão na medida em que vanguardarem o processo de fortalecimento da luta contra a ditadura e seu candidato, e em que convoquem as grandes massas para ir às ruas. Para que a transição democrática avance, para que as forças mais consequentes mantenham sua independência, é necessário mobilizar e unir o povo.

Será exatamente a permanente mobilização de massas que levará não só à vitória como à posse de Tancredo Neves e, principalmente, ainda fará com que o futuro governo cumpra os compromissos exigidos pela nação para retirar o país da crise. A maior arma da luta pela liberdade na conjuntura atual é provavelmente a participação efetiva dos trabalhadores e das grandes massas populares nas praças públicas.

Argumentos do PT sobre boicote provam o oposto do que queriam

Com a decisão do dia 21, o PT dá novo puxão na corda que enrolou no próprio pescoço. Os aliados que tinha deram-lhe as costas. O povo repete sua posição, chamando-a de malufista. Só o candidato do regime elogia-lhe a "coerência". E até os argumentos petistas traíram seus autores, provando exatamente o contrário do que queriam provar. Se não, vejamos:

A direção do PT deixamos interpretar o sentimento popular, expresso na campanha das diretas. "O povo quer votar e o PT prefere errar com o povo a acertar contra o povo, em conchavos de gabinete" — afirmava em julho o vice-presidente petista, Jacó Bittar.

O PT descartava qualquer possibilidade de mobilização popular em apoio à candidatura Tancredo Neves. "O papel de quem vai ao Colégio não é ir para as ruas e sim conversar com os delegados que votam nesse Colégio" — asseverava Lula em 15 de julho. "Ir ao Colégio e fazer campanha eleitoral nas ruas é mais ou menos como chupar caná e assoviar ao mesmo tempo" — pontificava o secretário-geral Francisco Weffort.

ERRAR CONTRA O POVO

Aconteceu o contrário. O comício pró-Tancredo de Goiânia, com mais de 300 mil pessoas, bateu o recorde histórico da manifestação pró-diretas naquela cidade. O mesmo em Belém do Pará. Idem em Manaus. Apesar de forçada a combater no pantanoso terreno do Colégio, a candidatura Tancredo revela uma incrível capacidade mobilizadora — tão grande que chega a assustar setores tancredistas, além de acender o ódio dos generais.

Diante disto, Bittar deve uma explicação. Se o "PT prefere errar com o povo a acertar contra o povo", está na obrigação de somar-se à candidatura única das oposições. A não ser que a direção petista tenha escolhido a triste alternativa de errar... contra o povo.

O PT LONGE DAS RUAS

A contrapartida desse argumento era outro logro: o PT assegurava que seria ele o consumidor da campanha popular pelas diretas. "O



Comício pró-Tancredo em Goiânia: e o PT ainda diz que "prefere errar com o povo a acertar sem ele"

PT não pode ficar apenas dizendo que vai mobilizar; ele precisa, realmente, ir para as ruas" — enfatizava Lula em julho.

Chegaram a fazer tentativas. E não se pejamaram de subir no mesmo planalto que o governador do PDS de Santa Catarina, Esperidião Amin, tido como malufista enrustido. O resultado, contudo, foi outra deslulada: 15 mil pessoas em Florianópolis e 7 mil em Belo Horizonte foi tudo que o PT conseguiu. Em São Paulo, durante um "comício" com 200 pessoas, o secretário petista de Informação, José Alvaro Moises, ainda argumentava que "o objetivo é o de retomar a mobilização aos poucos, para que o PT volte à rua". E quando a candidatura Tancredo iniciou suas manifestações públicas, o PT simplesmente suspendeu as suas, temendo a comparação.

"O REGIME NÃO PERDE"

Um terceiro argumento dos petistas era a impossibilidade de derrotar o governo no Colégio. Em agosto, Lula argumentava: "No jogo da corrupção, parece que o Maluf é o mais experiente e a única chance de ele não se eleger seria por eleições diretas". Weffort era igualmente enfático: "Alguém pode acreditar que o regime venha a perder o controle da sucessão se esta se realizar em sua própria cidadela?"

Ocorre que, contrariando as previsões, o exacerbado isolamento do regime criou a possibilidade real de vitória oposicionista mesmo no

Reunião lastimável

Reunido durante o sábado e o domingo da semana passada na Assembleia Legislativa, o Diretório Nacional do PT decidiu convocar pré-convenções municipais e estaduais, e um "Encontro Nacional" nos dias 5 e 6 de janeiro para rediscutir a posição de boicote ao Colégio Eleitoral.

A proposta de um plebiscito, que seria menos oneroso e garantiria uma consulta mais ampla às bases do partido, foi derrotada por 24 votos a 15. Foi uma vitória das correntes trotskistas e dos "grupos aparelhados", conforme a expressão do deputado Airton Soares, líder do PT na Câmara. Pelo menos até as vésperas da reunião do Colégio Eleitoral (no dia 15), deverá ser garantida a condução política atual, em benefício de Paulo Maluf e do regime militar.

Como novidade, os petistas concluíram pelo

abandono da campanha das diretas-já. Mas, em compensação, "adiantaram-se" na História, resolvendo que a grande tarefa do momento é "organizar a oposição ao governo Tancredo". Outra mostra de genialidade e brilhantismo foi dada pelo secretário-geral do PT, Francisco Weffort. O talentoso sociólogo aliou sua impressionante perspicácia a um não menos admirável senso de desprezo pela inteligência e a vontade popular para descobrir que as massas estão comparecendo ao comício das oposições não para apoiar Tancredo e condenar Maluf e o contínuismo: "Em Goiânia foi unicamente devido ao fenômeno fantástico que é a liderança de Iris Rezende; já em Belém, foi o circo de Nazaré", sentenciou (nem mesmo os malufistas tiveram ideias tão originais).

Colégio. Hoje o próprio PT admite que Tancredo Neves é o candidato favorito. Porém, estranhamente, o mesmo Weffort mantém a mesma posição usando um argumento oposto: agora, diz que a vitória de Tancredo já está assegurada e, portanto, os oito votos do PT no Colégio não fazem falta...

Tudo isso é defendido por Lula com a alegação de que "nós não temos duas caras". Basta, porém, uma

cara, desde que se tenha vergonha na dita cuja, para se reconhecer um erro. Os partidos, como as pessoas, não são infalíveis. Mas a coisa torna-se perigosa quando o PT faz de seu erro um dogma sagrado. Essa atitude tem se refletido em vezes nas últimas eleições sindicais e estudantis. E, já deflagrada aguda luta interna dentro das próprias fileiras petistas. (Bernardo Joffily)

Soluções para a crise no Brasil

João Amazonas

Agradeço aos srs. Deputados a oportunidade que me concedem de expor os pontos de vista que defendo acerca da crise e das soluções para a crise em que se debate o Brasil. É o tema mais preocupante de todos os setores de atividade e das diversas camadas e classes sociais.

As autoridades, durante algum tempo, tentaram esconder a existência da crise. Mais tarde, admitiram-na, alegando porém ser fenômeno passageiro, de fácil correção. Hoje, não podem dizer tal coisa, mas repetem, como os camaleões perdidos no deserto, para enganar a si mesmos que a salvação está próxima, que já se observam sinais positivos da recuperação econômica. Isto não passa de artifício para deter o espírito de revolta, acalmar os inquietos, contornar o pânico. São falsidades lucubradas por tecnocratas de visão rasteira, acostumados a manipular dados estatísticos e a substituir a realidade econômica por devaneios megalomaniacos.

A economia funciona em função da dívida

O diagnóstico começa pela dívida externa, que ultrapassa a primeira centena de bilhão de dólares. Recentemente, nos encontros a portas fechadas com os nossos credores, acomodaram-se alguns compromissos vencidos, obteve-se a ampliação de certos prazos fatais. Mas a dívida continua sendo o leito de Procusto das dificuldades que arrostamos: ou cortamos na carne do povo, sacrificando ao extremo pelo pagamento de juros absurdos e injustificados aos banqueiros internacionais, ou reduzimos sensivelmente a parte que corresponde à retomada do desenvolvimento. A dívida continua aumentando em ritmos acelerados. Ora pela elevação da *prime-rate*, determinada unilateralmente pelos bancos emprestadores, ora por novos empréstimos que não chegam ao Brasil porque destinados a cobrir vencimentos impostergáveis de títulos avaliados pelo governo brasileiro.

O resultado desse acúmulo de obrigações é desolador. A economia, em sua quase totalidade, volta-se para atividades relacionadas com o pagamento das dívidas externas. Atualmente, só tem importância em matéria de produção aquilo que serve para ser exportado e convertido em divisas, em dólares, que, em seguida, são drenadas para os capitalistas usuários. A nação, toda ela, vai-se convertendo em mero funcionário de empréstimo dos banqueiros alienígenas.

Não há exagero nesta afirmação. Todos sabemos que o peso principal do PIB (Produto Interno Bruto) é representado por produtos exportáveis. E em que condições? Nas condições de uma exportação fortemente subsidiada pelo governo. Calcula-se que em 1983, só um imposto de 10% arrecadados, a nação doua 4,2 bilhões de dólares aos exportadores. E este ano prevê-se o montante de 5,8 bilhões. Somente o Estado de São Paulo deixará de incorporar à sua receita 1 trilhão de cruzeiros. A doação aos exportadores é repassada aos importadores e aos consumidores através da redução dos preços para conseguir espaço no mercado internacional. Além disso, boa parte dessas exportações são empresas multinacionais. O que se deixa de receber em impostos constitui verdadeira sangria dos fundos públicos, despojando-se a população brasileira de meios indispensáveis à melhoria da sua qualidade de vida. Sabe-se ainda que o crédito para a exportação é menos caro que o destinado a outras atividades, o que eleva o custo social das exportações. Desse modo, o conjunto da sociedade é despojado sistematicamente por credores insaciáveis. Para dizer a verdade em toda a sua cruzada, na nossa pátria, nos dias de hoje, não se trabalha com o objetivo de construir uma vida independente e de conforto para o nosso povo; escravizam-se 130 milhões de habitantes, transformados em contribuintes diretos ou indiretos do todo-poderoso capital estrangeiro.

A dívida interna cresce também de mês a mês, alcançando cifras altíssimas — 50 trilhões de cruzeiros — constituindo sério problema às finanças nacionais. Ela se relaciona indiretamente com o crescimento da dívida externa e é fator inflacionário dos mais ativos.

O país encontra-se praticamente às portas da falência. Não dispõe de recursos para atender necessidades prementes da Administração. Avolumam-se os déficits não apenas do Orçamento da União mas igualmente dos serviços públicos e dos órgãos dependentes de verbas governamentais. A Previdência Social, tecnicamente, é uma instituição falida. E a situação é semelhante em algumas grandes empresas estatais. No que respeita aos Estados e Municípios — eles não podem emitir papel moeda — o quadro financeiro é ainda mais grave. Há os que não reúnem condições nem mesmo para pagar o funcionamento.

Medidas do governo agravam a situação

O Brasil continua em recessão pronunciada. Ligeiros e discretos avanços na indústria, neste último trimestre, não são de molde a alterar a curva estatística do decurso ou da estagnação da economia. Verificaram-se em ramos ligados à exportação, sujeitos à inconstância do mercado externo, ao mesmo tempo em que setores voltados para o mercado interno manifes-

tavam os índices mais baixos: menos 24,9% nos produtos de material plástico; menos 18,6% nos de alimentação; e menos 10,9% nos minerais não-metálicos. O índice de ociosidade mediu na indústria de São Paulo é da ordem de 26%.

As consequências sociais da crise são dramáticas. O número de desempregados industriais avoluma-se continuamente. A taxa média de desemprego, em agosto, foi de 7,32% da população economicamente ativa, segundo a Fundação do IBGE, isto sem falar nos desempregados crônicos e nos subempregados. Milhões de trabalhadores não encontram a quem vender sua força de trabalho, o único bem que possuem. E como inexistente no Brasil o seguro-desemprego, a miséria instala-se nos lares proletários. Os salários sofrem um processo de aviltamento incessante. Não acompanham nem de longe o ritmo inflacionário. Nestes últimos meses são sensíveis os aumentos dos preços. Os alugueiros, a cada seis meses, recebem acréscimos insuportáveis. Só os ricos, hoje, podem dispor de utilidades e serviços antes acessíveis à classe média. A renda *per capita* caiu 5,7% o ano passado, segundo o relatório do Fundo Monetário Internacional, que prevê, para este ano, uma queda mais acentuada: 12,6%, percentagem que não exprime toda a verdade; quando muito mostra a tendência insofismável.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

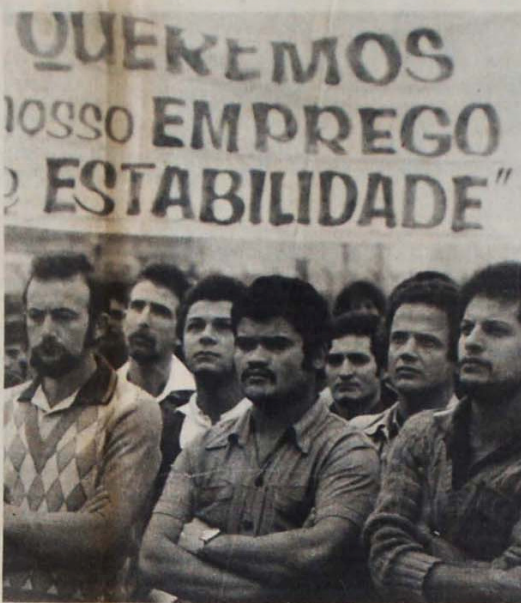
Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.

Como se pode, pois, falar de início de recuperação da economia? Todo efeito tem causa, e a causa da degradação do nível de vida do povo é, sem dúvida, a crise que se aprofunda. A perspectiva da economia nada tem de alentadora. As medidas de cunho monetarista recentemente adotadas pelo governo vão agravar mais ainda a situação do povo e do país. Servem a determinados interesses não difíceis de identificar, considerando-se a pressurosa anuência do FMI.

Contudo, jamais havia chegado ao ponto em que se encontra. Presentemente, a economia brasileira funciona em boa parte como apêndice da economia dos países imperialistas. O Brasil já não pode viver sem a interferência preponderante do capital estrangeiro. De tal modo está estruturada a nossa economia, que somente se consegue caminhar apoiado nas multas do dinheiro ou dos créditos que vêm de fora, ou da atividade interesseira das multinacionais. Acontece que o capital imperialista é, por natureza, violentamente espoliador. Não ajuda ninguém a progredir. Onde se instala, suga até a última gota o sangue e o suor das grandes massas da população. Pouco a pouco, reduz o país à condição de semicôlonia. Nas quatro últimas décadas através de empréstimos e investimentos, o capital financeiro internacional intensificou a exploração dos países menos desenvolvidos, ou pobres, como se costuma caracterizá-los.



Milhões de trabalhadores não têm como vender sua força de trabalho

bancos forçados expressam-se igualmente em exigências de concessões no comércio exterior e na esfera da produção nacional. Segundo recentes notícias vindas de Washington, amplamente divulgadas pela imprensa, "os Estados Unidos ameaçam retirar seu apoio aos empréstimos que o Banco Mundial concede ao Brasil se não forem liberadas as importações de equipamentos eletrônicos". E mais: o Departamento de Comércio dos Estados Unidos decidiu aumentar a sobretaxa às exportações de aço carbono brasileiro, medida considerada pelo Itamaraty como "pressão para que o Brasil abra o mercado de informática às empresas internacionais".

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

Como se vê, o custo social e nacional da dívida externa é muito maior do que se imagina. Atinge em cheio a soberania da nação, molda um tipo de desenvolvimento econômico profundamente prejudicial à nossa pátria.

Um país rico como o nosso, com um povo laborioso e capaz de grandes empreendimentos, vive afogado num mar de dificuldades.

o bem-estar de todos os seus filhos? Como ir ao encontro do despertar prodigioso da consciência nacional que se manifesta por toda a parte?

Indubitavelmente, a resposta não é simples. A questão envolve análise mais profunda da nossa realidade e mesmo da seqüência da história pátria. A solução não surge de improviso, de imaginações criativas, mas do exame de processos objetivos que se realizam, em boa medida, independentemente da vontade dos homens.

O capitalismo se desenvolveu no mundo não pelo simples desejo de algumas pessoas, de personalidades eminentes. Viçou e criou nações poderosas, hoje em decadência, ali onde o terreno ficou livre das sobrevivências retrógradas. A esse processo denominou-se revolução burguesa, democrática-burguesa. No Brasil, o capitalismo seguiu um curso deformado que se observa até hoje. Foi incapaz de resolver o problema da terra — e em dos países em que a propriedade territorial se apresenta mais fortemente concentrada. De outra parte, sua economia dependeu sempre do capital estrangeiro. A nação sofreu tremenda espoliação de seus recursos e de suas riquezas, carregadas para fora com o propósito de fomentar o enriquecimento dos países do capitalismo plenamente desenvolvido. Durante muito tempo, aquele capital impediu o progresso industrial da nossa terra. Possuamos ferro, não podíamos instalar a siderurgia nacional; tínhamos bauxita, não nos forneciam o maquinário indispensável à produção do alumínio. Mero exportador de matérias-primas, o Brasil conservou-se atrasado.

É certo que nestas últimas décadas esse quadro evoluiu. Contudo, não liquidou, na essência, os fatores negativos. Instalaram-se indústrias modernas. Mas em larga proporção, encontram-se nas mãos das multinacionais. O capital estrangeiro estendeu uma vastíssima rede de captação da riqueza e dos recursos nacionais e daí retira soma fabulosas. Os próprios grupos monopolistas da burguesia brasileira associaram-se também aos monopólios estrangeiros ou deles tornaram-se contribuintes através dos empréstimos, da compra de tecnologia etc. A poupança nacional é reduzidíssima, o mercado interno, suporte de qualquer economia desenvolvida, mostra-se bastante precário.

Por isso, dizemos que a crise que o Brasil atravessa não é apenas conjuntural. Fundamentalmente, é uma crise de estrutura, uma crise estrutural. Não há como negar que os fatores de conjuntura produzam seus efeitos recessivos. A crise do capitalismo, a mais extensa e profunda da sua história, abrange todo o mundo. Mas não a todos de maneira igual. Uns a suportam melhor que os outros, vale dizer, à custa dos outros, particularmente dos países subdesenvolvidos. Não era fatal que o Brasil caísse aos trambolhões do despenhadeiro da crise. E que encontrasse tão grandes dificuldades para soerguer-se na esfera econômica e financeira.

Teoricamente, é possível, num patamar inferior, estabelecer de certo modo a situação do país. Porém, essa estabilização, segundo as orientações dadas pelo Fundo Monetário, resultará numa adaptação forçada da economia brasileira aos interesses das grandes potências, em especial dos Estados Unidos. A nação se converterá numa colônia de novo tipo, produzirá não em função do verdadeiro progresso nacional, do fortalecimento independente de sua economia, do bem-estar do seu povo, mas consoante à vontade do capital financeiro internacional.

Senhores Deputados, amigos e companheiros:

O Brasil encontra-se numa encruzilhada da sua história. E para tomar o rumo certo tem de mudar em profundidade as suas atuais estruturas. Não pode continuar sob o domínio de poderosos centros imperialistas nem manter a injusta monopolização da terra. E preciso redefinir a orientação geral do desenvolvimento do país. Afirimo, com a convicção de quem estuda e julga conhecer os nossos proble-

mas, que é impossível recuperar efetivamente a economia e orientá-la de maneira ascendente, com independência, sem conter a sangria do pagamento da dívida externa e dos juros acumulados. Nesta questão, as nossas medidas são insuficientes, ineficazes. Mesmo porque não há possibilidade de estancar o impulso de um fluxo contínuo que aumenta de volume. Os compromissos no exterior crescem quase que geometricamente. A suspensão do pagamento da dívida, como dos respectivos juros, e o seu congelamento, é questão vital para o nosso país. Toda reformulação dos compromissos externos que não considerar com seriedade essa suspensão produzirá resultados negativos, insatisfatórios. Impõe-se igualmente a realização da reforma agrária. Ultimamente, há muita publicidade oficial em torno da entrega de títulos de propriedade aos homens do campo. Não obstante, seu significado pouco representa. É uma pretensa reforma na Amazônia, em áreas devolutas, onde a questão da terra tem características muito particulares. E entre tais peculiaridades está a devastação das florestas que se transformam, num curto prazo, em zonas irre recuperáveis, grave atentado à ecologia da região. Não é necessário garantir a atividade dos posseiros que ali vivem, sem qualquer assistência ou orientação técnica por parte dos governantes, e combater firmemente a grilagem. Entretanto nada justifica a ocupação predatória da Amazônia, que começa com a cessão de grandes áreas às multinacionais. Por que não fazer a reforma agrária nos campos de terras férteis? Os camponeses do Paraná são expulsos desse Estado onde o terreno é favorável, e remetidos para regiões áridas de fertilidade duvidosa. No Nordeste, o fenômeno é idêntico. Também na Amazônia se deve fazer a reforma agrária, respeitando-se, porém, a especificidade da região. O plano do atual governo é tentar atizar a tensão social no campo, utilizando terras devolutas, e conservar intacto o latifúndio que se expande no conjunto do país. Além de providências energéticas contra a espoliação imperialista e o monopólio da terra, outras medidas relacionadas com a política monetarista que produz inflação, bem como a retomada do desenvolvimento independente tornam-se imprescindíveis. E preciso atacar a crise com um programa visando soluções de fundo, a médio prazo, e com um plano de emergência imediato para atender a sérios distúrbios que afetam milhões de pessoas.

Saída da crise só com a presença do povo

A situação a que o Brasil chegou, a consequência de uma sangria prolongada, não mostram-se efetivamente graves. Não nos iludamos; ou enfrentamos corajosamente, patrioticamente, a realidade exigindo transformações profundas, antes de tudo o fim da exploração imperialista —, ou caminharíamos para o enflecimento de nossa soberania, com o agravamento da crise social para a degradação das condições de vida das grandes massas.

Por onde começar? Certamente, a superação das enormes dificuldades passa pela saída política. O regime arbitrário que vigora há duas décadas, e responsável, em boa parte, pelas calamidades que atingem o país. O governo instituído com o golpe de 1964 — cinco generais ocuparam a Presidência da República — atuou despoticamente, fez o que bem entendeu, reprimiu brutalmente as críticas e os protestos da sociedade civil. Golpeou a federação, centralizou excessivamente o poder. Manifestou completo desprezo às adversidades da oposição democrática, enquadrada em seus limites. A nação nunca foi consultada, através de órgãos realmente representativos da opinião pública. Sua política resultou num desastre nacional. E insiste nessa política suicida que, sacrificando a imensa maioria da nação, benéfico, prodigamente, o capital estrangeiro e um pequeno número de aproveitadores e privilegiados do regime imposto pela força. Este longo domínio do autoritarismo precisa acabar, o quanto antes, se pretendemos efetivamente sair do atoleiro da crise em que nos encontramos. Ninguém mais suporta, nem admite, o regime militar, que se esgotou por completo.

A saída da crise reclama nova fase democrática na vida brasileira, nova se sentiu de assegurar a ampla participação do povo nas questões de interesse geral, de permitir a livre associação e organização partidária, de garantir direitos civicos a todos os cidadãos (inclusive aos que, não por culpa sua, vivem na ignorância), de efetuar uma reordenação institucional, por meio de uma Constituinte livre e soberana. O poder deve emanar efetivamente, e não formalmente, do povo. E hora de colocar no Planalto um governo de caráter democrático, decidido a romper com o autoritarismo e sua política reacionária, aplicando um programa que consulte os interesses da nação. A conquista de autêntica liberdade política, portanto, precisa para reverter a presente situação. Porque as decisões que se necessitam tomar exigem o apoio do povo unido e conscientizado, porque só um governo que goze de largo respaldo popular pode falar de cabeça erguida com os credores estrangeiros, forçados a aceitar as condições que nos convêm. O Brasil tem que encontrar o caminho de um futuro progressista, edificar uma sociedade moderna na qual os trabalhadores e as massas populares ocupem lugar de destaque.

Palestra proferida em 16 de outubro na Assembleia Legislativa do Amazonas. (Títulos e intertítulos da redação)



O Brasil trabalha para exportar... para pagar a dívida externa

Foto: César Diniz



Alunos escolhem seus delegados ao Congresso da UNE; a votação favorece apoio de Tancredo

UNE discute apoio a candidato da oposição

A União Nacional dos Estudantes realiza este fim de semana no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, seu maior Congresso desde 1937 a julgar pelo número de delegados eleitos nas escolas. Seu centro, naturalmente, é a sucessão presidencial — como relata Renildo Calheiros, secretário-geral da UNE e candidato a presidente pela tendência majoritária, a Viração.

TO — O que se discute neste Congresso?

R — O centro do Congresso é mesmo o debate entre a candidatura única das oposições e o boicote ao Colégio Eleitoral. A UNE tirou posição a favor do boicote, no Coneb de julho. Mas tudo indica que vai corrigir esse erro, como mostraram os congressos das UEEs de Minas, Pernambuco, Paraná.

TO — Qual é exatamente a posição que vocês da Viração defendem?

R — Achemos que o apoio dos estudantes à candidatura Tancredo Neves é uma coisa importante, hoje. Primeiro, porque a vitória de Tancredo não está assegurada. E depois porque Tancredo tem que ser pressionado para assumir compromissos definidos com o povo. No caso dos estudantes, achamos que tem que ser discutido um plano de emergência para salvar a universidade. Basta dizer que nas escolas particulares, só este ano, 200 mil alunos tiveram de abandonar o estudo.

TO — Por que esta tese do

boicote, que quase não tem defensores no povo em geral, mostrou certa força no movimento estudantil?

R — Um fator é que no movimento estudantil o PT ainda tem alguma força, principalmente neste caso do Centro-Sul. Mas o principal é que quando o Coneb se reuniu o quadro ainda não estava tão claro. Muita gente ainda achava que a saída seria pelas diretas já e acabou sendo arrastada para esta proposta.

TO — Quais as tarefas que você vê para a próxima gestão da UNE?

R — Uma é conseguir, definitivamente, a legalização e o reconhecimento oficial da UNE. A outra é fortalecer as entidades de base. E do ponto de vista mais geral vai ser a luta pela democratização do país e a defesa da universidade pública e gratuita.

TO — Como você avalia a gestão que está se encerrando?

R — Acho que foi muito boa. Foi uma gestão marcada pelo pique da campanha das diretas, onde a UNE participou ativamente. E se tivemos al-

guns pequenos erros, ficaram obscurecidos pela importância desta participação.

TO — Mas depois do Coneb a gente sentiu um certo retraimento da UNE...

R — Depois que o Coneb aprovou o boicote, na verdade tirou a UNE da luta política. Ela ficou de fora em acontecimentos importantes, como os grandes comícios de Goiás, Pará e Amazonas, porque estava decidido.

TO — Vocês da diretoria aplicaram esta decisão mesmo sabendo que era errada?

R — Obedecemos à democracia na entidade. Achamos indispensável o respeito às entidades e suas decisões.

TO — Isto tem sido uma coisa marcante, esta unificação de todos os estudantes, de todas as tendências, apesar das divergências...

R — A gente tem realizado um grande esforço no sentido de garantir a unidade. As forças que têm mais disposição para rachar a UNE até fizeram algumas tentativas, há anos, mas sempre se isolaram com isto. A correlação de forças é bastante desfavorável para uma coisa dessas. Em todas as correntes, mesmo dentro do PT, há forças que entendem a necessidade de trabalhar dentro da entidade, apresentar suas chapas, mas fortalecer a entidade, a UNE.

Encontro impulsiona luta da mulher rural em Minas

Foi realizado em Belo Horizonte, de 19 a 21 de outubro, o I Encontro Mineiro da Mulher Rural. Diversos municípios e distritos de todas as regiões do Estado estiveram presentes com mais de 300 mulheres. O evento, fruto de uma iniciativa conjunta do Conselho Estadual da Mulher e da Emater de Minas Gerais, foi recebido com muita alegria.

Seu caráter pioneiro chegou a ser motivo para versos de uma das participantes, Sívani Rosa Fernandes, do distrito de Paiol, município de Aimorés: "O que está acontecendo; não parece ser verdade; mulheres se reunindo; procurando a liberdade".

MAIOR CONSCIÊNCIA

O encontro mostrou a consciência maior que as mulheres estão adquirindo sobre o papel que exercem na agricultura. Segundo dados da FAO, não menos do que 50% dos alimentos consumidos no mundo são produzidos pelas mulheres.

Em Minas Gerais, segundo o censo de 1980, elas representam 27% do pessoal empregado no campo, sendo que existem 128 mil menores de 14 anos. Esses números, entretanto, não expressam a dimensão real da participação feminina na produção agrícola. Conforme a OIT, 40% das horas de trabalho das mulheres não são computados nas estatísticas oficiais.

O Encontro foi, também, um retrato da situação e das reivindicações do campo mineiro, reunindo pessoas de camadas sociais diferentes e expressando as desigualdades no acesso à terra e às diferenças de condições das trabalhadoras. Para Maria das Graças, mãe de seis filhas, cortadora de cana na região de Ponta Nova, "é preciso lutar para melhorar nossa situação" (ela ganha Cr\$ 25 cruzeiros por cada três quilos de cana que corta e reivindica "carteira assinada, serviço mais fácil e creche para os filhos não passar frio e molhar na chuva").

As assalariadas do café do distante município de Capelinha, região do Jequitinhonha, além de ganharem "uma miséria", sofrem uma discriminação salarial grande: recebem Cr\$ 40 mil mensais em média pelo trabalho na lavoura, enquanto os homens, na mesma função, ganham Cr\$ 60 mil. Difícil situação também enfrentam as mulheres dos migrantes que saem de Minas para trabalhar em São Paulo, sendo chamadas significativamente de "viúvas com marido vivo". Esse I Encontro Mineiro da Mulher Rural proporcionou um grande avanço na luta pela liberdade e, em par-



Mulheres camponesas são discriminadas e sofrem superexploração

Campo exige mudanças

A Campanha Nacional pela Reforma Agrária foi lançada oficialmente no norte de Minas Gerais nos dias 6 e 7 de outubro. No primeiro, através de um debate sobre a questão fundiária, seguida, no dia seguinte, de uma passeata. As duas manifestações ocorreram na cidade de Montes Claros.

O debate, realizado no Centro Cultural Hermes de Paulo reuniu mais de 150 pessoas, entre populares e lideranças camponesas — além de representantes de diversas entidades populares. "A reforma agrária tem de ser uma estrada aberta por nós mesmos", disse o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Montes Claros, Sebastião. Ele foi "completado por Aparecida, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Unai, que sentenciou: "a reforma agrária não será realizada sem sangue".

Quando foi abordada a questão sucessória, o deputado do PT João Batista de Mares Guia defendeu o apoio a Tancredo Neves, criticando a posição atual de seu partido. Por outro lado, a passeata pela reforma agrária, no dia seguinte, reuniu mais de 400 pessoas, que saíram da Casa do Trabalhador, no bairro Major Prates, percorreram várias ruas da cidade, com um caixão do "Dr. Latifúndio" — o delegado sindical de Cachoeirinha, senhor José, chicoteou o defunto (por ele chamado de Georgino Jorge, famoso grileiro da região), sendo diferentemente aplaudido pelos populares.

titular, pela melhoria das condições de vida e de trabalho das mulheres no campo.

Causou grande emoção e revolta no Encontro, a notícia do assassinato do posseiro Augusto Alves na localidade de Ribeirão do Altar, em Berilo. Ele foi

morto por jagunços contratados pelo grileiro José Fonseca no dia 24 de abril. O cadáver foi encontrado com marcas de facadas, 34 cargas de chumbo e a orelha esquerda cortada, numa mostra a mais da sanha criminosa do latifúndio.

Pistoleiros levam chumbo em Canavieiras

Os posseiros da região de Poxim e Sarampo, no município de Canavieiras, Sul da Bahia, que travam uma violenta luta contra os grileiros pela posse da terra, mataram dois pistoleiros e balearam o chefe do bando na última semana. O presidente do Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador Agrícola (Ceata), Arthur de Paula, ao informar sobre os fatos, garantiu que o clima é de extrema tensão em toda a área e novas mortes de lado a lado podem ocorrer a qualquer momento.

De acordo com Arthur de Paula, os mais conhecidos grileiros da região, entre eles Hugo Kauffman, Gerson Alves, Ab-

dala Habib, Hélio e João Nascimento Filho, Ariano Loureiro e José Ribeiro se uniram e contrataram 18 pistoleiros. Este bando armado, comandado por Chico Beleza Pura — foi organizado com o objetivo de promover a limpeza das áreas de Poxim e Sarampo, onde sempre ocorreram conflitos de terra.

Em Poxim, há alguns meses, uma família inteira de posseiros foi chacinada sendo seus corpos esquartejados por pistoleiros a mando de grileiros, sem que nenhuma providência fosse tomada até hoje pelas autoridades.

POSSEIROS SE ARMAM

O presidente do Ceata afirma

que após a unificação dos grileiros e da contratação dos pistoleiros que começaram a praticar atos de terrorismo — derrubando casas, espancando famílias e matando — os posseiros decidiram também se organizar e responder com armas aos ataques. O clima ficou ainda mais tenso após o assassinato do posseiro Raimundo Santos, de Sarampo, pelo pistoleiro conhecido por Nivaldo.

A vídua de Raimundo foi a Delegacia de Canavieiras pedir providências e lá encontrou o pistoleiro batendo papo com o delegado José Antônio, amistosamente, segundo ela. A mulher, que estava acompanhada de outros posseiros identificou o matador de seu marido ao delegado. Este deu voz de prisão a Nivaldo. Mas no dia seguinte o pistoleiro estava de novo em Sarampo provendo desordens com outros pistoleiros. E continua em liberdade.

Segundo Arthur de Paula, os posseiros vêm a Salvador provavelmente ainda esta semana e serão acompanhados pela Fetag e pelo Ceata à Assembleia Legislativa, ao Departamento de Polícia do Interior e ainda tentarão audiência com o governador João Durval Carneiro.

(da sucursal)



As péssimas condições de saneamento básico nas favelas colocam em risco a saúde das crianças.

"Grito das Favelas" reúne 2 mil pessoas em São Paulo

Cerca de duas mil pessoas moradoras de 102 favelas participaram do "Grito das Favelas", em São Miguel Paulista, na Zona Leste de São Paulo, no dia 21 de outubro. O objetivo foi discutir o problema da moradia e o Plano Habitacional da Prefeitura. O prefeito Mário Covas esteve presente e se dispôs a discutir e encaminhar as reivindicações.

Além do prefeito "O Grito das Favelas" contou com a presença de vários políticos e lideranças locais. Esta assembleia vitoriosa dos favelados foi liderada pela União de Favelas da Zona Leste, num trabalho coletivo de várias uniões e associações de moradores que durou mais de cinco meses. O principal assunto deba-

tido foi o Plano Habitacional da Prefeitura para o quinquênio 83/87, cuja execução começa a ser esboçada e que pretende destinar várias áreas municipais para os moradores de favelas.

O Plano 83/87, no que se refere às favelas, tem como prioridade a desafetação (desmembramento) de terrenos municipais para moradia em locais onde não haja risco de vida. Os favelados entregaram ao prefeito um documento reivindicando a posse da terra, independentemente do caráter público ou privado da área e do tempo da existência da favela.

Na assembleia dos favelados foram feitas contundentes críticas ao regime militar. Várias lideranças em seus pronunciamentos mostraram que o agravamento do problema da mo-

radia estava ligado ao desatradado modelo político-econômico implantado a partir de 1964. Deixaram claro que a solução destes problemas passa obrigatoriamente pela derrota desse regime nas próximas eleições, no Colégio Eleitoral, dando a vitória ao candidato único das oposições, Tancredo Neves. Daí a necessidade do apoio popular à sua candidatura.

O pronunciamento mais aplaudido foi o da menina Paola Gioconda da Silva, de 8 anos, da favela do Jardim Robru, que falou em nome das crianças faveladas. Com desembaraço, reivindicou do prefeito Mário Covas mais creches, mais Escolas (Escolas Municipais de Educação Infantil para crianças de quatro a seis anos) e áreas de lazer para eles. (Luís Alberto Gref)

Foto: Manoel Porto



Posseiros relatam ao deputado Luis Nova as violências na região

Bancários da Bahia derrotam o divisionismo

Uma derrota fragorosa da tese do boicote ao Colégio Eleitoral e um triunfo vigoroso da defesa da unidade sindical e de apoio à candidatura Tancredo Neves sintetizam a vitória da Chapa 1 no Sindicato dos Bancários da Bahia. Foram 4.287 votos contra 2.855 da Chapa 2, garantindo o resultado da eleição no primeiro escrutínio.

A eleição terminou no dia 18, levando Geraldo Boaventura para a presidência da entidade. Foram contados somente 183 votos nulos e brancos, demonstrando o grande interesse da categoria pelos rumos do Sindicato. Votaram 7.325, dos 9.485 associados. Na Bahia existem 28 mil bancários.

Maluf, dois dias antes da eleição. Mesmo assim, em alguns bancos, a chapa estava caracterizada como malufista. Quando questionados por bancários do porquê a chapa não apoiar Tancredo, seus integrantes respondiam que o Sindicato "não deve entrar em questões políticas".

DERROTA DO DIVISIONISMO

A derrota da Chapa 2 é também a derrota dos articuladores do divisionismo na Bahia. A Chapa 1 defendeu a reunificação do movimento sindical. Na Chapa 2 estavam os principais grupos que articularam a divisão sindical na região. Vários de seus membros estiveram à frente da organização do Congresso divisionista da CUT, realizado no Estado.

No curso da campanha, a chapa do PT acusava os membros da Chapa 1 de pelegos, o que não deu certo pela representatividade e combatividade de seus integrantes. Diante disso, os pelegistas passaram a dizer que a Chapa 1 era dos comunistas. Entretanto esta postura foi rejeitada esmagadoramente nas urnas. Por estas posições atrasadas, não se estranhou que no Bradesco, o diretor regional, além de perseguir os membros da Chapa 1, tentasse suspender as eleições no penúltimo dia e ainda fizesse pressão aberta a favor da Chapa 2.

Para Alvaro Gomes, "a diretoria eleita tem uma grande tarefa, que é encaminhar de forma democrática o programa de luta, ampliar a democracia interna da entidade, e intensificar as lutas da categoria contra a exploração feita pelos banqueiros". (da sucursal)



Alvaro: intensificar a luta contra a exploração

Maluf prejudica os operários da Seridó

O sofrimento dos 1.100 operários da Indústria Têxtil Seridó, que há nove meses não recebem seus salários, foi agravado agora devido às malufadas do governador federal. A Conteminas estava para assumir o controle acionário da empresa, pertencente ao Grupo Irsa, com o empenho do governador José Agripino e do então presidente do BNDS, Jorge Freire. Mas o governador resolveu apoiar o candidato das oposições, Tancredo Neves e com a exoneração do presidente

do BNDS, a coisa mudou. A negociação foi suspensa, em represália do general Figueiredo ao governador do Rio Grande do Norte que não apoiou seu candidato, Paulo Salim Maluf. E os operários entram para o décimo mês, sem ver seus salários, que já somam cerca de Cr\$ 4 milhões! Os funcionários da Têxtil Seridó continuam fazendo piquete em frente ao Ducal Palace Hotel, do mesmo Grupo Irsa, sem saber quando receberão os atrasados. (Walter Medeiros, Natal)



Na primeira assembleia, foi aprovada a pauta de reivindicações; agora, deverá ser a paralisação

Metalúrgicos de São Paulo preparam greve para o dia 6

"Caso os empresários continuem surdos às nossas reivindicações, na madrugada do dia 6 os 330 mil operários da categoria entrarão em greve." A afirmação é de Joaquim Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que promove nesta sexta-feira a assembleia decisiva da campanha salarial. A disposição de parar é grande na categoria.

Neste ano, além dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos — que somam mais de 400 mil operários —, participam da luta salarial unitária mais 19 Sindicatos e Federações, reunidos no Pacto de Unidade na Luta (ver quadro). Com datas-bases próximas, todas estas categorias têm seis reivindicações em comum: INPC integral para todos; aumento real de salário; reajuste trimestral; 40 horas semanais de trabalho, sem redução salarial; estabilidade no emprego; e comissão de fábrica.

Os empresários do setor metalúrgico, representados pelo Grupo 14 da Fiesp, mantêm-se irredutíveis quanto ao atendimento das exigências. Durante as três semanas de negociação, não fizeram sequer uma contra-proposta, prometendo apresentar sua posição num "pacotão". Prevendo que "o pacote será ridículo, de micharias", a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos da capital paulista já tomou uma posição de combate: decretar greve geral para o dia 6 de outubro, preparando-a com maior intensidade na próxima semana. A proposta será levada à assembleia da categoria, no dia 26, e é quase certo que será acatada por unanimidade.

DISPOSIÇÃO DE LUTA

Nos últimos dias, sentiu-se um sensível crescimento da campanha salarial nas fábricas. "A proposta da diretoria de paralisação no dia 6 é acatada com alegria por todos os trabalhadores", comenta um ativista do Sindicato que acabara de chegar de um comício relâmpago numa fábrica da Zona Norte. Durante a madrugada, na hora do almoço e da saída, os diretores da entidade têm feito assembleias nas portas das empresas e a proposta tem sido recebida com aplausos.

Para criar um clima de greve e mobilização contra o arrocho salarial, o Sindicato realizará atos públicos no Largo 13, no Metrô-Tatuapé e na Estação do Ipiranga — todos locais de grande concentração operária. Seus diretores também têm feito blitz às fábricas, convocando a categoria para não fazer hora extra, "que é o estoque do patrão" — segundo o boletim da entidade. Na firma

Um pacto de luta

A grande novidade da safra de campanhas salariais deste final de ano em São Paulo foi a constituição do Pacto de Unidade na Luta. Reunindo até o momento 19 entidades operárias e com perspectivas de aglutinar 33 Sindicatos, o PUL tem dado maior impulso às lutas salariais das categorias que têm datas-bases próximas na capital paulista.

Todas as entidades envolvidas tirarão pautas de reivindicações, aprovadas pelos trabalhadores em assembleias, com seus itens em comum, servindo de carro-chefe da campanha unitária. Além disso, o PUL está programando mutirões e atos públicos unificados contra o arrocho salarial; cada entidade deverá ajudar a outra na mobilização das categorias; e em caso de greve deverá tomar a frente no movimento de apoio aos grevistas. "Não podemos ficar sozinhos, isolados, na luta contra os patrões. Juntos temos maior possibilidade de vitórias", comenta Joaquim Andrade.

GRANDE ACEITAÇÃO

Apesar das debilidades de uma iniciativa nova, que ainda não atingiu o grosso dos operários, o PUL tem sido elogiado pelos trabalhadores em luta salarial. "Foi uma das atitudes mais acertadas que tivemos nos últimos tempos", afirma Nilson Carmo Pereira, diretor do Sindicato dos Gráficos. "A categoria está mais animada nesta campanha, está se sentindo mais forte. Da para dizer que, se os metalúrgicos entrarem em greve,



Nilson: "Categoria aplaude"

Progresso Metalfrut, que obriga seus funcionários a horas extras no fim-de-semana, principais feiras-livres da capital, distribuindo 50 mil boletins, divulgando a possível greve.

ACÃO DIVISIONISTA

A disposição da categoria para uma paralisação geral ficou evidente nas reuniões de setores realizadas na noite de sexta-feira, dia 19. Mais de 2 mil ativistas participaram das reuniões,



Joaquim: "unir para vencer"

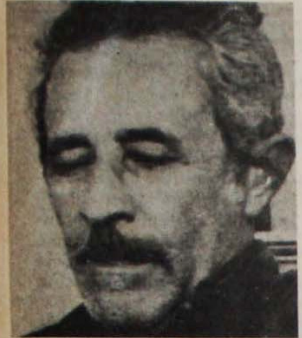
os gráficos também pararam", acredita Nilson Carmo. A data de 6 de novembro também é o referencial para os 26 mil gráficos paralisarem suas atividades.

"O Pacto é o melhor caminho para as categorias terem força na luta salarial. Nas nossas assembleias, os textos aplaudiram a idéia, comentavam que só unido o trabalhador tem força e o patrão fica fraco", conta Nilson Octaviano, presidente do Sindicato dos Têxteis. Na assembleia do próximo dia 28, a categoria deverá decretar "estado de greve". "Se, caso os patrões não cedam nossas reivindicações, nós também vamos parar em novembro", afirma Octaviano. Existem cerca de 60 mil têxteis na capital.

CONTRA A DISPERSÃO

O PUL surge num momento em que o sindicalismo paulista está fragmentado, fruto da divisão entre CUT e Conclat. "Nós não tínhamos um fórum unitário para discutir as lutas salariais. Por isto criamos o Pacto. Nele não interessa quem é da CUT ou da Conclat. Todos são bem vindos, desde que queiram marchar unidos", explica Joaquim Andrade. Para ele, "a divisão é de cúpula e quem está sofrendo é a base. Então vamos ignorar esta divisão artificial". Neste momento o centro da atividade do PUL é engrossar as campanhas salariais. E há possibilidade de os metalúrgicos, gráficos e têxteis entrarem em greve juntos — o que seria uma grande vitória desta iniciativa unitária.

comprometendo-se a reforçar a convocação para a assembleia decisiva. O único ponto destoante foi o jornal da chamada Oposição Sindical, que afirma mentiosamente que o acordo salarial já foi assinado. Seus membros foram duramente criticados nas reuniões — alguns jornais foram inclusive queimados —, sendo chamados de divisionistas, "a serviço da Fiesp", que querem enfraquecer a luta salarial. (Altamiro Borges)



Alvaro, da Fetag: "satisfeito com a greve"

120 mil canavieiros terminam a greve de 8 dias na Paraíba

Após oito dias de greve, os 100 mil canavieiros da Paraíba retornaram ao trabalho com uma vitória parcial. Das suas 42 reivindicações, 21 foram acordadas na audiência no Tribunal Regional do Trabalho. Os cortadores de cana da Paraíba passam a ganhar o mesmo salário dos companheiros de Pernambuco e do Rio Grande do Norte — Cr\$ 190 mil mensais — e terão uma "tabela de tarefas" semelhante à conquistada com as greves nos outros dois Estados. Outra importante vitória é que os delegados sindicais só poderão ser demitidos ou transferidos se denunciarem em inquérito judicial. Foi a primeira greve geral realizada pelos canavieiros da Paraíba. "pois só neste ano organizamos a estrutura necessária junto às bases", comenta, satisfeito, Alvaro Diniz, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado. (da sucursal)

Comerciários do Piauí põem fim ao reinado do pelego

Os comerciários de Teresina, no Piauí, obtiveram uma importante vitória na semana passada: puseram fim ao reinado do pelego Teixeira, que há 43 anos dirige o Sindicato da categoria, deixando-o totalmente desativado. A chapa 2, de oposição, saiu vitoriosa no segundo escrutínio, apesar das inúmeras pressões, e traças e do reduzido número de sindicalizados (a Chapa 2 obteve 412 votos, contra 406 dados à situação). Eivaldo Ciríaco é o novo presidente da entidade. A vibração nas lojas foi intensa, mesmo que discreta devido à repressão patronal. (da sucursal)

Diretoria toma posse no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio

No último dia 20, tomou posse a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, encabeçada por Valdir Vicente. O ato contou com a presença de mais de mil trabalhadores, apesar da forte chuva que ocorreu. Dezenas de entidades democráticas e populares, inclusive Sindicatos e organizações metalúrgicas de outras cidades e Estados, prestigiaram a posse. O sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo enviou delegação encabeçada por Joaquim de Andrade e integrada, entre outros, por Eustáquio Vital. Políticos da oposição, como o deputado federal do PDT, Sebastião Nery, e o secretário da Justiça, Vivaldo Barbosa, também compareceram. A tônica da solenidade foi o apoio à candidatura de Tancredo Neves para presidente e a necessidade de uma profunda renovação no Sindicato. (da sucursal)

União de Mulheres de Natal faz ato de lançamento

Foi realizado no domingo, dia 21, na sede da Associação Norte-Riograndense de Imprensa (ANI), o lançamento público da União das Mulheres de Natal (UMNA), entidade fundada em maio deste ano com o objetivo de organizar a luta pela plena liberdade social.

Mais de 80 pessoas compareceram à solenidade, a maioria trabalhadoras, jovens, adultas ou idosas, vindas de vários bairros populares da cidade. O momento alto do lançamento, que transcorreu em clima de grande entusiasmo, foi uma palestra sobre os problemas da mulher proferida pela assistente social Gilse Avelar, do Centro Popular da Mulher de Fortaleza.

PT é derrotado na União dos Estudantes de Pernambuco

Com a participação de quase 500 delegados da capital e de várias cidades do interior, realizou-se neste final de semana, em Recife, o Congresso da União dos Estudantes de Pernambuco (UEP). A questão da sucessão presidencial polarizou os debates, vencendo a proposta de apoio ao candidato único das oposições para derrotar o regime militar. A proposta foi sustentada principalmente pelo Congresso em Viração — corrente majoritária no Congresso com quase 200 delegados —, que também elegeram a nova presidente da UEP, Eugênia Araújo, a Bia, numa chapa de unidade. Pela terceira vez neste ano as posições estreitas e secretárias do PT no movimento estudantil de Pernambuco foram derrotadas: primeiro foi na eleição do DCE da Unicap; depois, no pleito para o DCE da UFPE; e agora, no Congresso da UEP. (da sucursal)

Trabalhadoras de Araraquara levantam suas reivindicações

Com a presença de 137 trabalhadoras de diversas categorias, realizou-se dia 21, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Araraquara, o I Encontro Regional da Mulher Trabalhadora.

A iniciativa foi do Conselho Estadual da Condição Feminina, e a organização foi dos Metalúrgicos de Araraquara, que teve apoio dos seguintes Sindicatos de Trabalhadores: Metalúrgicos de São Carlos; Alimentação de Araraquara; Rurais de Araraquara, Rincão e Mataão; Agentes Autônomos

do Comércio de Araraquara; Metalúrgicos de Mataão, além da Secretaria de Estado das Relações de Trabalho.

Além deles estiveram presentes a Associação das Empregadas Domésticas de Araraquara, Associação de Mulheres de São Carlos, representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, da União de Mulheres de São Paulo, e o vereador Roberto Paino, de São Carlos.

A coordenação dos trabalhos coube a Maria de Lourdes

Rodrigues, do Conselho Estadual da Condição Feminina, e a abertura ficou a cargo da presidente em exercício deste órgão, Alda Marco Antônio. Ela citou a estatística da ONU, em 1975 (Ano Internacional da Mulher), segundo a qual: as mulheres representam a metade da população mundial, um terço da força de trabalho ocupada, produzem dois terços das horas trabalhadas, mas ganham 10% da renda mundial e possuem menos de 1% das propriedades. Disse que com base em dados

de Dieese a situação no Brasil não é muito diferente. Estimulou as mulheres trabalhadoras para que lutem contra a discriminação que pesa sobre elas.

Em nome das trabalhadoras, falou a operária metalúrgica Marli Manfio Deo, de São Carlos, que destacou a importância do acontecimento, pois é a primeira vez na história da região que as trabalhadoras se reúnem para discutir seus próprios problemas.

Após um dia de trabalho, metalúrgicas, boas-friãs e trabalhadoras de outros setores tiraram um programa comum, comprometendo-se a lutar por: estabilidade no emprego; creche nas empresas; contra a discriminação à mulher casada e à mulher de mais idade; salário igual para trabalho igual; contra as horas extras; mudança de anotação na Carteira de Trabalho sempre que mudar a função; estabilidade de 180 dias após o parto; melhores condições de trabalho da empregada doméstica; criação de uma Associação de Mulheres em Araraquara; sábado livre; cumprimento do estatuto da terra; por uma campanha de valorização da dona-de-casa; que o contratador forneça o equipamento de proteção ao trabalhador rural etc. (Alda Marco Antônio, presidente em exercício, e Maria de Lurdes da Comissão Sindical do Conselho da Condição Feminina de São Paulo)



Trabalhadoras de Araraquara realizam seu I Encontro e levantam reivindicações comuns

Saúde da mulher é problema social

Com a participação de aproximadamente 600 mulheres realizou-se na Zona Sul, em São Paulo, o I Encontro de Saúde da Mulher, no dia 20 de outubro. O Encontro partiu de reivindicação da União de Mulheres de São Paulo com imediata adesão do Comitê de Mulheres da Região Sul, dos setores de saúde da área e do Conselho Estadual da Condição Feminina.

Com a presença dos Secretários de Saúde do Estado e do Município, Dr. Yunes e Dr. Guedes, as mulheres falaram de suas necessidades e da importância de se desenvolver na região um programa de saúde voltado para a mulher em todas as fases da vida, da infância à velhice, e não apenas em sua fase reprodutiva.

Mostrando que a questão da saúde e da sexualidade da mulher tem grande peso social, Losani, do núcleo da União de Mulheres em Campo Limpo, declarou: "Falamos que nós somos frias e que é porque não entendemos de sexo. Mas a verdade é que trabalhamos o dia inteiro, às vezes fora e dentro de casa, depois não temos vontade de nada".

As mulheres destacaram também a falta de preparo dos médicos para atendê-las: não examinam direito, não explicam os problemas e às vezes são mal educados.

A União de Mulheres de São Paulo e o Comitê de Mulheres da Região Sul encaminharam as seguintes propostas, aprovadas por calorosos aplausos: 1 - fortalecer e ampliar a comissão organizado (movimento de mulheres, Departamento de Saúde da região, Sociedade Amigos de Bairro, Pastoral Operária e Departamento de Educação), que deverá

acompanhar e participar do processo de implantação do Programa de Saúde da Mulher; 2 - ginecologistas em todos os postos e centros de saúde, educados e preparados para atender as mulheres; 3 - exames preventivos de câncer com orientação e tratamento médico adequado; 4 - atendimento para mulheres que não tenham INPS; 5 - orientação ao planejamento familiar, onde o casal ou a mulher possam decidir o número de filhos que desejam ter; 6 - repúdio ao decreto elaborado pelo Brigadeiro Valdir Vasconcelos, que cria a "Comissão Nacional de Assuntos Demográficos, que nada mais é que a poli-

tica de controle de natalidade do Estado Maior das Forças Armadas".

As mulheres apoiaram a candidatura Tancredo Neves que representa hoje o rompimento com o regime militar e o avanço democrático.

O Conselho da Condição Feminina fez um livro sobre os recursos que tem a área de saúde na região sul, com um levantamento de postos da Prefeitura e do Estado, hospitais da rede privada conveniados com o INPS, ambulatórios e pronto socorros municipais, ambulatórios do Inamps e formas alternativas de atendimento, como o SOF e a Casa da

Mulher de Graiaú. O objetivo era facilitar as informações para a população feminina e o trabalho para os profissionais de saúde.

As mulheres saíram certas de que vão participar de forma organizada e interferir no processo de implantação do "Programa de Saúde na Área". "Afinal, disse o prefeito Mário Covas — discutimos aqui de forma democrática o direito das mulheres às suas próprias opções de maternidade e procriação. E estamos certas de que o poder público será seguidor das decisões que aqui brotarem". (M. Amélia de A. Teles, presidente da União de Mulheres de São Paulo)



Na Zona Sul, as mulheres mostraram que saúde feminina é um problema de cunho social

Funcionárias doentes são demitidas na EBCT

Acompanho este jornal há muito tempo, desde que era mensal e me interesse mais ainda agora quando sai semanalmente.

Tenho uma denúncia de perseguição de um gerente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, agência da capital. Sou funcionária há dois anos desta empresa e há cerca de sete meses o gerente desta loja vem me perseguindo. Tenho tido doenças devido à carga horária a que estou sendo submetida. Apresentei-me ao médico da empresa e o mesmo me liberou por uma semana do serviço de atendimento. Foi para a casa de meus pais. Depois de cinco dias recebi um chamado da agência exigindo que eu comparecesse com urgência ao departamento de pessoal.

Quando cheguei aqui em Salvador, na Gerência Geral, fui chamada à sala da Administração Postal e o administrador me disse que eu estava demitida. Procurei o gerente regional da empresa e o mesmo distraí-me com palavras de baixo calão e me mandou embora dizendo: "Os empregados se acham donos desta empresa".

Voltei à agência e lá recebi só a minha demissão, sem direito ao FGTS e sem aviso prévio. Soube mais tarde que o gerente regional está mancomunado com o governador João Durval abrindo emprego no Correio, demitindo pessoas que estejam com licença médica. (ex-funcionária da EBCT - Salvador, Bahia)

Assassinatos revoltam mulheres em S. Gabriel

Gostaria de registrar neste combativo jornal que completa cinco anos de serviço aos interesses dos trabalhadores brasileiros, a expressiva manifestação das mulheres de São Gabriel, liderada por Sandra Sharam contra inúmeros casos de violência praticados contra as mulheres desse município gaúcho.

Quatro assassinatos de mulheres abalaram os moradores de São Gabriel, especialmente o último, que foi a gota d'água para a explosão de sua viva revolta. A vítima foi Sandra Mara, de 19 anos, assassinada a facadas pelo ex-marido na Igreja Matriz de São Gabriel, sob a alegação de que ela não teria aceito a reconciliação. Este último episódio levou as

mulheres a realizarem uma passeata de repúdio à violência contra a mulher em São Gabriel e o pároco interditar a Igreja, palco do crime. Esta manifestação expressa a decisão das mulheres de não deixar passar impunemente as agressões de que são vítimas, fruto de toda uma carga cultural imposta há séculos e que explora a mulher como sua propriedade, podendo inclusive dispor de sua vida impunemente. A voz das mulheres de São Gabriel se soma a de todas as mulheres. Chega de violência, chega de discriminação contra as mulheres. (Ana Maria Rocha da Silva - da Executiva do Movimento Feminino do PMDB/Rio Grande do Sul)

À Revolução Soviética

Vou falar pra todo mundo da história de um povo valente e corajoso que trocou o velho pelo novo Como o pássaro singra o céu e o peixe corta o mar a saída desse povo foi se unir para lutar Desde há muito vem a diferença entre o patrão e o trabalhador e quanto mais a miséria aumentava mais cresceu o espírito lutador O rico patrão ficou tremendo quando viu os da cidade se unir com os do campo pra implantar a igualdade vamos acabar com a exploração eta o que fazavam pra acabar com a injustiça era por que lutavam Esse povo não vai vencer lutou com muita amor morreu muita gente do seu lado mas venceram o rico explorador Construindo um mundo novo cantando o dia da vitória

a classe proletária se encheu de muita glória Foi em dezesseite que hoje é recordado por todo proletariado que pela miséria é esmagado Liderados por Lênin implantaram o socialismo derrubando o que era podre acabando com o capitalismo Viva o partido bolchevique defensor do proletariado que levou ao poder o camponês e o operário Hoje também nós lutamos tirando disso uma lição vamos nos unir e trabalhar pra fazer nossa revolução Não se pode esconder contra isso não dá pra lutar tudo isso é natural não adianta mais negar O proletariado é lutador o proletariado é muito forte o proletariado não teme nada não tem medo a própria morte Viva essa classe! viva essa história! viva a ideologia que os guia pra vitória!

(C.L. - Londrina, Paraná)

As mulheres praticamente ocuparam a seção "Fala o Povo" neste número. E não por acaso. Realizaram em São Paulo dois encontros importantes, na Zona Sul e em Araraquara. Além disso fazem denúncias de perseguições políticas, como das telefônicas, e até físicas, como ocorreu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, onde uma jovem mulher foi assassinada pelo ex-marido. Os atos repletos o avanço das massas femininas. As denúncias, um alerta de que a discriminação continua e precisa acabar. (Olivia Rangel)

fala o POVO

Telebrás ameaça delegada sindical combativa

No último final de semana reuniram-se em Caraguatubá os delegados sindicais dos Telefônicos de São Paulo, visando preparar a categoria para a campanha salarial que se inicia.

Mas a ênfase maior do encontro foi dada à discussão sobre o envio de boletins da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil para os delegados sindicais e diretores da entidade. Articulados por diretores do Sindicato, alguns senhores procuraram de forma fascista e policial comprometer uma das mais atuantes delegadas sindicais da categoria, presente em todas as lutas e mobilizações do seu local de trabalho, pelo fortalecimento do Sindicato. Ela propôs a luta do pessoal dos PS, a realização do I Encontro da Mulher Telefônica por Eleições Diretas, entre outras lutas.

O sr. Buchada e outros elementos mancomunados com a companhia ameaçaram a renúncia à presidência da empresa, ligada ao grupo Telebrás, dirigido por militares e pessoas da comunidade de informações, o nome de uma das mais combativas delegadas sindicais, (São Paulo, SP)

querida e respeitada pelas trabalhadoras da Telesp.

Em vez de cercar a liberdade de manifestação do pensamento, de somarem-se com os generais e patrões ao ódio que devotam aos comunistas, estes sindicalistas deveriam mobilizar e unir a categoria em defesa de seus direitos, coisa que não fazem. Pode-se discordar das ideias do PC do Brasil, mas os trabalhadores, democratas, todos que lutam contra o regime militar, não podem ter como alvo o ataque à liberdade. Hoje quem perde o sono no país por causa do avanço das lutas são os generais e os malufistas. Se há entre os trabalhadores representantes destes interesses podem ter certeza de que não conseguirão enganar eternamente a categoria.

Nesta campanha salarial o centro de nossas preocupações deve ser a conquista do 14º salário, estabilidade, aumento de 100% do INPC para todos. Defendemos a formação de comissões de mobilização, propaganda e mobilização com este fim. (grupo de delegados sindicais dos Telefônicos - São Paulo, SP)

Alunos da ETE Lauro Gomes querem 4º ano no noturno

Entre 19 e 29 de setembro os 800 alunos do período noturno da Escola Técnica Estadual Lauro Gomes, situada em São Bernardo do Campo, entraram em greve reivindicando junto ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza a implantação do 4º ano como suplementação para formação de novos técnicos. Além dessa, os estudantes levantaram outras reivindicações como: mais verbas para manutenção de oficinas e laboratórios; abertura de refeitório para o período noturno; pela devolução do Centro Cívico Estudantil extinto desde o começo do ano.

Essa atitude radical dos alunos da Escola Lauro Gomes é decorrente da omissão da diretoria e do próprio Centro Paula Souza. Seu superintendente (um dos únicos secretários da gestão do sr. Paulo Maluf) evitava uma assembleia aberta com os alunos e desmanchava reuniões com a Comissão Pró-4º ano sem dar nenhuma satisfação aos alunos. Depois de dois dias de paralisação total no período noturno o superintendente viu-se obrigado a re-

ceber uma comissão de 21 alunos. Após quase quatro horas de reunião ficou fechado que seria formada uma comissão de alunos, ex-alunos e orientadores para estudar a complementação do currículo a ser levado à direção da escola visando a implantação do 4º ano; reabertura do Centro Cívico; reformulação do regimento interno da Escola; uma reunião com o Conselho Deliberativo da Associação de Pais e Mestres para inclusão de alunos no mesmo.

Depois de alguns dias de greve também se conseguiu a abertura dos livros da APM. Todas essas reivindicações foram aprovadas em assembleia dos alunos, que voltaram às aulas mas permanecendo alertas para evitar qualquer punição e para garantir o cumprimento das promessas do sr. José Rui, superintendente da Paula Souza. Essa mobilização vem demonstrar um certo avanço do movimento secundarista pois a Escola Técnica contava com o apoio de várias escolas da região do ABC e da Rede de Paula Souza. Comissão Pró-4º ano da ETE Lauro Gomes - São Bernardo, São Paulo)

José Duarte completa 60 anos no PC do B

Com uma cerimônia simples mas cheia de emoção e sentimento de classe, dia 26 em São Paulo, José Duarte comemorou 60 anos de militância ininterrupta no Partido Comunista do Brasil. O salão do Centro de Cultura Operária foi pequeno para comportar o grande número de trabalhadores, sobretudo jovens, que desejavam cumprimentar o velho ferroviário — que ingressou no PC do B aos 16 anos e até hoje permanece em seu posto.

Várias pessoas saudaram o aniversariante, em nome da classe operária, das mulheres, dos jovens, da diretoria do CCO. João Amazonas, um dos oradores, lembrou que já em 1941 ficou conhecendo o nome de José Duarte, por sua resistência aos que, dentro do presídio da Ilha Grande, manobravam para liquidar com a organização de vanguarda do proletariado brasileiro. Rogério Lustosa, que conviveu na prisão com José Duarte (em 60 anos ele sofreu 34 prisões) durante os anos 70, enviou uma saudação lembrando o jornal-

zinho "O Cadeado", mais tarde "Venceremos", que circulava na mais rigorosa clandestinidade, manuscrito, dentro do próprio Instituto Penal Paulo Sarazate, em Fortaleza.

O homenageado, em quem os rigores da luta nunca venceram a ternura, mal continha as lágrimas. E mais comovido ficou quando vieram os presentes: um retrato de Marx, gravado a fogo numa placa de madeira, foi a lembrança dos moradores de um bairro popular de Campinas. E um grupo de sindicalistas e trabalhadores da base do Metrô deu um pedaço de trilho, com uma chapa, "a José Duarte, que nunca saiu de linha".

Por fim falou o próprio José Duarte, antes da festa propriamente dita. E fez questão de tributar todas as honras do aniversariante ao PC do B e à classe operária — razão de ser de todos os combates de sua existência. Duarte prometeu também continuar na luta — atualmente ele preside o CCO —, já que "comunista não tem aposentadoria".



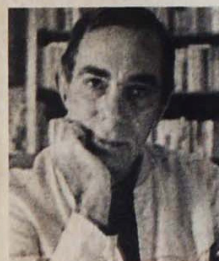
Foto: Alberto Diniz

Odorico Paraguacu (Paulo Gracindo), banido da TV Globo

Pressões do governo contra o "Bem Amado" para proteger Maluf

Na próxima sexta-feira, 2 de novembro, vai ao ar o último episódio da série "O Bem Amado", criada por Dias Gomes. Motivo: pressões governamentais. O político corrupto do interior baiano, personificado por Odorico Paraguacu, sempre foi identificado pelo público com os defensores do regime militar. Afinal, os métodos utilizados pelo prefeito de Sucupira, de buscar corromper adversários, eliminar opositores e engabelar a população, têm semelhanças notórias com a atuação das classes dominantes em nosso país. Ultimamente o programa vinha desmascarando a atuação antipovo de Maluf.

"Sinto-me de luto, como se tivesse perdido toda a família numa hecatombe", desabou Dias Gomes ao saber que seu programa foi banido pela TV Globo. Recentemente um outro personagem já havia sido vetado pela emissora, sempre solicitada em relação aos desejos dos militares no poder: o humorista Chico Anísio chegou a gravar episódios



Dias Gomes, vítima do malufismo do "Malufus", um imperador romano que satirizava o candidato do PDS à sucessão de general Figueiredo, o odiado Paulo Maluf. Inclusive comerciais do programa foram veiculados com o novo personagem. Mas à véspera de sua estreia ele foi censurado pelo Planalto. São as atropelações de um governo que teme a cultura, a arte, a liberdade de expressão. Apenasmente.



O presente dos metrorviários a Duarte, "que nunca saiu da linha"

"As mulheres de Atenas" lotam teatro de Curitiba

Não foi fácil conter os ânimos do público que ficou de fora do Teatro Guairá, em Curitiba, nas últimas semanas. É que estava em cartaz a peça "As mulheres de Atenas", de Augusto Boal, encenada pelo Grupo Experimental Construção, que trata da luta de classes e da emancipação feminina. O trabalho, montado durante seis meses sob a direção de Paulo Venturini, do Centro Cultural São Lourenço, se constituiu num dos mais importantes acontecimentos teatrais amadores deste ano no

Paraná. Tanto que voltou em cartaz a pedido do Guairá. A peça, escrita na década de 60, apesar de ter como época a luta entre Grécia e Esparta, trata para a atualidade os problemas ainda enfrentados pelos oprimidos do capitalismo e pelas mulheres de hoje. O texto ganhou força com a interpretação do elenco, composto por jovens atores, alguns deles militantes do movimento cultural de Curitiba, que ainda enfrentam, como os brasileiros, as imposições do regime. (Têlia Negrão, de Curitiba)

Arbítrio atinge a Mostra Internacional de Cinema

Ao terminar a exibição do filme "O Estado das Coisas" na 8ª Mostra Internacional de Cinema, em São Paulo, o público: Leon Cafofi, o organizador da Mostra, subiu ao palco para avisar que a Polícia Federal havia suspendido a execução do Festival.

A 8ª Mostra tinha tudo para ser um fato novo no nosso mundo cultural. Pela primeira vez filmes inéditos, dentre os melhores do cinema internacional da atualidade, seriam exibidos sem censura prévia. Isso havia sido garantido por uma batalha jurídica, que já parecia ganha com a decisão favorável do juiz Márcio José de Moraes, liberando os filmes de censura prévia.

O braço autoritário, através do Tribunal Federal de Recursos, cassou a liminar e suspendeu o Festival. A decisão chegou através de um agente da Polícia Federal, durante a execução do filme de Wenders; na plateia 1.500 pessoas, além das 500 que ficaram do lado de fora esperando sua vez. Os organizadores não permitiram a interrupção do filme, que foi o primeiro sem censura prévia apresentado nos últimos anos.

A suspensão se deu no sábado, dia 20, e depois de muitas manobras a censura decidiu liberar a Mostra, mas com cortes e censura prévia. Um gesto obscurantista provando que a ditadura está aí, continua sendo o maior obstáculo para que nossa cultura tenha dias melhores.

Análise do militarismo na Princípios nº 9

No número 9 da revista **Princípios**, que acaba de ser lançado pela Editora Anita Garibaldi, o veterano dirigente comunista, João Amazonas, analisa em profundidade um dos aspectos mais reacionários da atualidade, o militarismo. Demonstrando que não se trata de um acontecimento que ocorre unicamente no Brasil, Amazonas define o militarismo como "a preponderância dos militares na vida política do país, a influência decisiva das concepções castrenses na condução dos negócios públicos, na elaboração das diretrizes governamentais em todos os seus aspectos". Ressalta que "o militarismo não deve ser confundido com a força militar propriamente dita".

Para o autor, a intervenção militar na vida política do nosso país ocorreu diversas vezes. "Manifesta-se desde o final do século passado de um golpe de força", lembra. Mas com o golpe de março de 1964, a intervenção militar na vida política se diferenciava das ações anteriores. "Trazia outro componente — o domínio a longo prazo do militarismo." O país passou a ser dominado por um Estado Militarista. "O atual governo, representado por um general de 4 estrelas, tem no seu ministério oito generais: os das Três Armas, o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, o chefe da Casa Militar, o chefe do SNI, o das Comunicações e o das Questões Fundiárias. No da Previdência Social, no do Interior e no das Minas e

Energia, os titulares são coronéis de reserva", informa o artigo.

João Amazonas considera o militarismo "uma concepção elitista, antidemocrática, que pretende ser depositária das tradições nacionais. É intolerante, não admite contestações". Própe a sua erradicação da vida nacional, mas alerta que isso "não se resume em romper o ciclo dos generais-presidentes, ou diligenciar a sua substituição por um civil. É preciso desmontar a máquina opressiva, a camisa-de-força enfiada no corpo da sociedade que assegura aos militares o controle da direção do Estado. Tem-se que acabar com a oligarquia militar instalada no Planalto, repor as Forças Armadas no seu papel de guarda das fronteiras nacionais. Há que reafirmar e fortalecer a soberania popular, combater toda manifestação de superioridade e insolência castrense".

REALISMO SOCIALISTA

O novo número da revista **Princípios** traz ainda artigos sobre o Realismo Socialista, de autoria de Máximo Górkki, sobre a construção do Socialismo no campo, de autoria de José Stálin; sobre os 40 anos de Socialismo na Albânia, de José Reinaldo Carvalho, entre outros. **Princípios** pode ser adquirida através do envio de cheque nominal ou Vale Postal, no valor de Cr\$ 4 mil, à Editora Anita Garibaldi Ltda., av. Brig. Luis Antônio, 317, 4º andar, sala 43 - São Paulo, SP - CEP 01317.

Princípios

O MILITARISMO — UM MAL QUE SE PRECISA REMOVER

ALBÂNIA — 40 ANOS DE SOCIALISMO

O REALISMO SOCIALISTA — ESTILO REVOLUCIONÁRIO DA LITERATURA E DAS ARTES

9

EDITORA ANITA GARIBALDI

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Sala Vinte e São Paulo, CEP 01318.

Telefone: 36-7331 (DDD 011). Telex: 0112-131 TLOBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Bianchi.

Tribuna Operária

SUBSCRITORES: São Paulo: Rua Adoniran Barbosa, 53, CEP 01318. São Paulo: Rua Adoniran Barbosa, 53, CEP 01318. São Paulo: Rua Adoniran Barbosa, 53, CEP 01318.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Pereira Lima, 237, Arapiraca, CEP 57000. Maceió: Rua Gonçalves Dias, 183, Centro, CEP 57000.

AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - CEP 69000. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aquino, sala 15, CEP 29000.

BAHIA - Camacari: Rua José Nogueira de Mattos, 12, CEP 42900. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218, Centro, CEP 44100. Ribeirão: Av. 99, Condição, CEP 45000. Salvador: Rua 11, andar, sala 1, Centro, CEP 40000. Santos: Rua Adoniran Barbosa, 53, CEP 01318. São Paulo: Rua Adoniran Barbosa, 53, CEP 01318.

BRASIL - Distrito Federal: Edifício: Jardim 11, sala 312, CEP 70002.

CEARÁ - Fortaleza: Rua do Rio Branco, 313, sala 208, Centro, CEP 80000. Iguate: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar, CEP 79600.

CEP 96100, Cachoeira: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 29, Agência: Rua 19 de Novembro e 29, Agência: Rua 9 de 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Álvaro Alvim, 31, sala 1901, Centro, CEP 20006. Niterói: Av. Amador Pessoa, 375, sala 1901, Centro, CEP 24000. Nova Iguaçu: Av. Marçal Floriano, 2345, sala 4, Centro, CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6, CEP 13470. Campinas: Rua Costa e Silva, 333, apartamento 24340, CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 290, CEP 17000. Osasco: Rua Tenente Amélia Pires de Azevedo, 25, sala 2º andar, CEP 08000. São José do Rio Preto: Travessa Lourenço Rodrigues, 26, Centro, CEP 05000. São Bernardo do Campo: Av. José Artur da Frota Moraes, 61, Fátima, CEP 09000.

São José dos Campos: Rua Vitoria, 12, 1º andar, sala 19, Centro, CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Avelar, 602, sala 5, CEP 12100.

SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco, Edifício Divino Teresina, sala 1205, CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Companhia Paulista de Publicações, CEP 01318, São Paulo, SP.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 40.000,00

Anual comum (52 edições) Cr\$ 20.000,00

Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 18.700,00

Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00

NOMAL para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____

CIDADE: _____ CEP: _____

ESTADO: _____

PROFISSÃO: _____ DATA: ____/____/____

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer.

Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo o cupom anexo.

Retrato das lutas da mulher nicaraguense

Entre 19 e 21 de outubro esteve no Brasil Doris Tijerino, comandante do Exército Sandinista e presidente da Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa, AMNLAE. Na ocasião, Doris concedeu uma entrevista exclusiva à Tribuna Operária sobre o papel das mulheres na atual realidade do país e suas conquistas.

A mulher tem desempenhado um papel ativo no processo eleitoral em curso na Nicarágua. Não por acaso a AMNLAE conseguiu que um terço dos deputados à Assembleia Constituinte seja de mulheres.

A presidente da entidade, Doris Tijerino, conquistou seus postos na luta. Foi uma das primeiras a incorporar-se à Frente Sandinista de Libertação Nacional. De origem popular, foi presa diversas vezes durante a revolução. Hoje, aos 41 anos, mãe de dois filhos, acumula o cargo de responsável pelas Relações Internacionais do novo governo conquistado em 19 de julho de 1979.

Trabalho doméstico afinal valorizado

"Medimos a incorporação da mulher ao processo revolucionário por sua participação em todos os projetos da revolução e não por percentagens — disse Doris. A Assembleia Sandinista, órgão máximo de consulta da Frente Sandinista tem em seu seio uma enorme quantidade de mulheres. Mas o que nela se decide, que afeta a Frente Sandinista e a revolução nicaraguense em seu conjunto, não tem precisamente que ser discutido por mulheres para favorecer as massas femininas. Vou citar um exemplo: no Conselho de Estado, o Parlamento da República, existem mulheres, mas elas não são maioria, nem sequer representam 50%. No entanto foi lá que se produziram leis como a da relação entre pai, mãe e filho que dá direito à mulher de reivindicar a guarda dos filhos, que antes era totalmente negada. A lei do alimento, que regulamenta a participação das partes no sustento da família. Ela traz, a meu ver, algo novo, reconhecer os afazeres domésticos da mulher que não trabalha fora como uma contribuição à sustentação da família. Isso a coloca em posição de igualdade com o homem no lar. Antes se considerava que quem sustentava a família era apenas o que contribuía economicamente. Essa nova lei diz que não, que a mulher participa em igualdade com o homem na sustentação da família com o trabalho que realiza em casa. Ou seja, não é indispensável que exista uma percentagem igual ou maior de mulheres numa instância para garantir seus direitos".

Doris também forneceu mais dados sobre a incorporação da mulher no processo revolucionário. "Mais de 50% dos alfabetizadores, verdadeiros educadores populares, são mulheres. Cerca de 60% dos milicianos também

são do sexo feminino. Não há porcentagens, mas me atreveria a dizer que mais de 70% dos vigilantes revolucionários são mulheres.

"Também há mulheres no Exército, embora em menor número do que nos órgãos do Interior e do Exterior, precisamente pela natureza de suas funções. Já nas milícias populares as mulheres participam maciçamente".

Elas participam também do Exército

Perguntada sobre como as mulheres se organizam para se defender frente à ameaça de intervenção norte-americana no país, Doris declarou:

Concebemos a defesa do país em termos muito amplos, que vão além da defesa militar. A defesa da revolução é para nós, por exemplo, aumentar a produção. Isso porque uma das formas de o imperialismo minar a revolução popular sandinista é precisamente minando sua capacidade de resolver os problemas fundamentais da população quanto ao abastecimento.

"Para nós, defesa da revolução é também saúde. É manter a vigilância sobre os especuladores. Vimos que, não só na Nicarágua como conhecendo a experiência de outros povos, através da especulação, do açambarcamento, da falta de abastecimento e da fome, se criam situações difíceis para governos democráticos progressistas, facilitando a ação do inimigo inclusive de forma militar. Creio que uma defesa nos campos econômico, da saúde, da educação, implica o avanço da revolução e das conquistas do povo. Temos um povo que aprendeu a ler e escrever. Ele entende que esta é a sua revolução. Foi isso que impediu que os bandos contra-revolucionários tivessem êxito.

"A AMNLAE realiza um grande trabalho mobilizando as mulheres nas brigadas de saúde, na vigilância revolucionária, na defesa econômica. Incorpora as mulheres à produção. Além disso, organiza as mulheres no trabalho propriamente militar".

A repórter perguntou o que a revolução sandinista trouxe de novo nas relações entre homens e mulheres. "Este é um problema sério e que leva tempo — diz Doris. Evidentemente que a participação da mulher na luta contra a ditadura e nas transformações sociais conduziu a um novo tipo de relação. Neste aspecto não há resistência do homem. O problema do machismo se manifesta é na família. São ainda as mulheres que realizam as tarefas domésticas, embora as leis tendam a estabelecer uma co-responsabilidade na formação dos filhos, na relação entre o casal, na manutenção do lar. Há vigilância quanto ao cumprimento das leis e isso cria uma série de discussões nas bases, em toda a sociedade.

"Querida destacar que na FSLN sempre encontramos grande apoio, e estou falando como mulher. Temos dirigentes muito jovens. Por exemplo, a camarada Dora Maria Telles ainda não tem 30 anos e é secretária política da mais importante região do país, que é a capital, Manágua, onde há maior concentração de operários e onde se situa o governo central.

"Quanto às questões do divórcio e do aborto, temos neste terreno uma enorme influência conservadora, patriarcal. Mas as mulheres têm à sua disposição e gratuitamente todos os métodos anticoncepcionais que lhe permitem decidir se querem conceber um filho ou não. E a educação sexual é matéria obrigatória na escola desde o primário. O número de creches cresce a cada ano". As mulheres estão despertando... (Olivia Rangel)



Acima a comandante Doris Tijerino presidente da AMNLAE; ao lado, a alegria das milicianas, retrato da participação feminina na Nicarágua



Operário do ABC, 1980: a Globo atacou a greve; a Tribuna defendeu

Um jornal que puxa a brasa para a sardinha operária

Desde que veio à luz, cinco anos atrás, a Tribuna Operária disse preto no branco, sem rodeios, de que lado se coloca: "Pelos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, pela mais ampla liberdade política, pela democracia popular e a independência nacional, pelo socialismo — esta é a nossa plataforma. Por uma tribuna de luta, a serviço do que há de melhor no movimento operário e popular — é a nossa proposta".

Esta não é uma atitude comum. Os órgãos da imprensa burguesa — jornais e revistas, rádio e televisão — têm o cacete de se dizerem "imparciais". Asseveram ao público que seus noticiários e comentários são rigorosamente "objetivos", refletindo a mais pura verdade dos fatos, sem puxar a brasa para a sardinha de ninguém.

TORCIDA NOS BASTIDORES
Porém quando se penetra nos bastidores de um desses órgãos de imprensa, a suposta imparcialidade

Gaúchos debatem imprensa popular

Com um debate que lotou o plenarinho da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, sobre "Imprensa popular e situação política", a cursal de Porto Alegre assinalou no último dia 19 a passagem do quinto aniversário da Tribuna Operária. Presentes, além de Rogério Lustosa, diretor da TO, o jornalista Raimundo Pereira, que foi editor do semanário "Movimento" e hoje dirige os fascículos "Retrato do Brasil"; Carlos Alberto Kolecza, ex-editor do semanário gaúcho "Denúncia"; e também o presidente do Sindicato dos jornalistas, Remi Baldasso.

Raimundo Pereira fez uma entusiástica saudação à Tribuna, evidenciando que o seu quinto aniversário é um acontecimento importante. Enquanto a imprensa burguesa nos apresenta "a última moda", destacou, a imprensa popular volta-se para o que tem valor de fato, as lutas dos operários e do povo. Kolecza, por sua vez, afirmou que "a imprensa popular é um instrumento para abrir uma brecha no autoritarismo que existe na sociedade brasileira".

Como sempre acontece nos tempos que correm, o debate enveredou também pelo campo da sucessão presidencial. Rogério Lustosa expôs, com fartura de exemplos, desde os da "Folha de S. Paulo" até os da imprensa trotsquista, como o problema é tratado e frequentemente manipulado ao sabor das preferências de cada órgão de imprensa.

CONGRATULAÇÕES

Por iniciativa do deputado Benedito Cintra, a Assembleia Legislativa de São Paulo consignou em ata um voto de congratulações "com os jornalistas, colaboradores e distribuidores", da TO, pelo seu quinto aniversário. O texto sublinha que a Tribuna "tem como objetivo o socialismo, mas entende como questão essencial a luta intransigente pela democracia, na atual conjuntura".

Tribuna Operária 5 anos

de revela-se tal qual é: uma impostura. Cada artigo, cada fotografia, cada palavra traz a marca de interesses econômicos, sociais e políticos bem definidos. Um exemplo clássico dessa parcialidade aconteceu com a cobertura da Rede Globo de Televisão durante a grande greve dos metalúrgicos do ABC em 1980: os operários chegaram a atacar veículos da Globo, tamanho era o caradurismo da emissora ao afirmar que a greve tinha acabado, quando na verdade ela continuava.

A parcialidade, ou partidarismo (no sentido de tomar partido) começa desde a seleção das matérias, Roberta Close, por exemplo, merece páginas e páginas na imprensa burguesa, enquanto as greves dos canavieiros nordestinos, que tiveram a adesão de quase 400 mil trabalhadores rurais, passaram quase despercebidas. Para os capitalistas proprietários e anunciantes na grande imprensa, não interessa que o povo leia sobre greves.

Os textos, os títulos, as fotografias e legendas, as matérias de capa e especialmente as manchetes — tudo passa por um crivo rigoroso, que no fundo é ditado por interesses de classe, os interesses do patrão.

A TRIBUNA JOGA ABERTO

Dois grandes diferenças separam a Tribuna Operária dessa prática generalizada: primeiro, ela defende não os interesses dos capitalistas, latifundiários e seu regime, mas sim os dos operários, camponeses, e segundo, ela não oculta hipocritamente sua parcialidade. Pelo contrário, proclama às claras que puxa a brasa para a sardinha dos trabalhadores.

Também para nós a própria seleção das matérias já implica em tomar partido. E não escondemos que nossa prioridade número um são os interesses e as lutas dos trabalhadores. Não por acaso — a título de exemplo — a Tribuna é o órgão de imprensa que dedica mais espaço ao movimento sindical, inclusive o pouquíssimo lembrado sindicalismo rural. Outros jornais, muitíssimo mais ricos, com vinte vezes mais páginas, não publicam porque não interessa aos patrões. E nós publicamos precisamente porque interessa aos trabalhadores.

CONTRA O OBJETIVISMO

Os poderosos barões da grande imprensa, e até alguns jornalistas contaminados pelo vírus de objetivismo, torcem o nariz diante disso. Da boca para fora, juram de joelhos que seu único compromisso é com a verdade — enquanto na prática só publicam o que lhes interessa, sejam verdades, meias verdades ou simplesmente mentiras. O comprometimento com a verdade, porém, no fundo é igualmente uma questão de classe. As forças sociais reacionárias, condenadas pela história, fogem da verdade como o diabo da cruz, já que ela revela sua decadência atual e sua morte próxima. Já a classe operária e seus aliados têm o maior interesse em expor a verdade, pois ela aponta no rumo da conquista de sua emancipação.